

LITERICULTURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR:

Abdias Neves.

JOEL OLIVEIRA

RUA BARROSO, 14

TERESINA

SUMMARIO:— *Uma viagem no Piauí em 1839*, Alfredo de Carvalho; *Canção de um louco*, Alcides Freitas; *O idealismo philosophico e o ideal artistico*, Hygino Cunha; *Outomno*, Da Costa e Silva; *A Hygiene na cidade e no campo*, R. Fernandes e Silva; *Na Academia de Letras*, Felix Pacheco; *Hymno á febre*, Abdias Neves; *Folklore piauiense*, João Freitas; *Paginas escolhidas*, Joaquim Pimenta; *Notas e informações*.

CASA "ANIBIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
TERESINA

Imprensa Official

PIAUI

1913

A directoria da Liga anti-clerical recebeu a seguinte comunicação a que, com prazer, dá publicidade.

«CLUB DO CUPIM DO CLERO»

Recife, 7 de Agosto de 1913

Illmo. Snr. Director da Liga Anti-clerical.

Peço-vos encarecidamente a publicação do seguinte:

Communico-vos que se fundou neste capital, com o título acima, uma sociedade que terá por fim a destruição moderna (que será feita pelo moral) dessa panthera que tem o nome de clero; dessa legião de vampiros que, em nome do meigo Nazareno, a tudo tem levado a humanidade—corrompendo e familia, desde o immoral confessionario, até ás horas silenciosas das FILHAS DE MARIA. Dizer o que foi esse lobo ha tantos seculos e que hoje ainda se nos apresenta com a capa de ovelha, seria escrever volumes e mais volumes e isto iria, de certo, horrorizar o povo. Assim, pois, relataremos por meio de boletins os principaes factos hediondos por elle praticados, pois cabe aos homens livres, por meio da melhor dynamite a palavra, extinguir esse microbio da sociedade.

O «Club do Cupim do Clero» não terá directoria, sendo designados 3 membros para dirigi-lo reconhecendo-se, nelles, ousadia, moral e dedicação á causa emancipadora, de accordo com o magno programma que será todo de paz, de Concordia.

Outrosim, o club, solidario com o homem livre Manoel Arão, está apto para entrar no campo da propagação da verdade.

Sou de V. S

S. OLIN, *secretario.*»



LITERICULTURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Petes
DIRECTOR:

Abdias Neves.

ASSIGNATURAS:

Um anno (para a capital)	10\$000
Para o interior, outros Estados e estrangeiro	12\$000
Numero avulso	1\$000

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
TERESINA



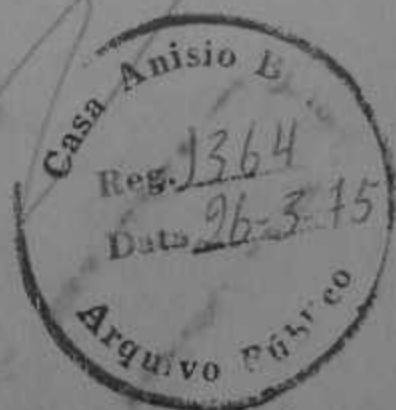
Handwritten signature

Handwritten signature

Imprensa Official

PIAUHI

1913



13-A-2

JOEL OLIVEIRA

RUA BARROSO, 14
THERESINA

Uma viagem no Piauí em 1839 (*)

(PARA A LITERICULTURA)

Impedido, assim, de proseguir em direcção ao Oeste e não querendo retroceder para o Ceará, deliberou Gardner seguir para o Sul, rumo do Rio de Janeiro, através das grandes provincias centraes de Goyaz e de Minas Geraes, si bem que estivesse mal aparelhado para semelhante empresa, principalmente quanto a dinheiro, pois, devido á agitação reinante, era impossivel receber remessas da costa. Confiava, porem, nos proventos de sua profissão que, se lhe não rendia grandes sommas, evitava-lhe muitas despesas, pois já observára que, na sua qualidade de medico, era bem acolhido por toda parte. Mas, a região meridional tambem estava bastante agitada e o Barão de Parnaíba, e outras pessoas influentes de Oeiras, aconselharam-no a não proseguir na projectada viagem, porquanto correria risco de perder a vida; mas, o intenso desejo de percorrer terras ainda inexploradas, fez-o fechar ouvidos aos conselhos e apressar os preparativos de jornada.

As grandes collecções feitas entre o Crato e Oeiras e nos arredores deste ultimo lugar, pretendia Gardner enviar para o Maranhão, afim de ali serem embarcadas para Inglaterra, o que se tornára impossivel; a distancia entre Oeiras e Per-

(*) Veja *Litericultura* de 31 de agosto ultimo.

nambuco, ou Bahia, também era por demais considerável; as communicações entre estes logares eram muito raras e, não fôra uma occorrença afortunada, o naturalista teria sido obrigado a transportar consigo, até ao Rio de Janeiro, aquellas collecções. Succedêra, porem, que, do Recife, trouxêra cartas para o Dr. Casimiro José de Moraes Sarmiento, joven advogado que exercia um emprego publico em Oeiras, de onde era filho: com este cavalheiro travou o botanico inglez excellentes relações, pois, além de muito bem educado, possuia intelligencia superior, grande integridade moral e muita bondade de coração. Do Recife, onde estudára, tinha trazido uma bibliotheca de obras em portuguez, francez e inglez que franqueava, generosamente, aos amigos. Precisamente quando Gardner se dispunha a deixar Oeiras, o Dr. Sarmiento deliberou regressar a Pernambuco e, de bom grado, consentiu em levar consigo as collecções que, embaladas de modo a constituirem uma só carga, seguiram num dos cavallos do naturalista. Antes de Gardner, apenas um inglez havia visitado Oeiras; varios dos habitantes ainda se recordavam de Spix e Martius, e o velho Barão indicou ao viajante a casa em que tinham residido. Durante os quatro mezes que ali permaneceu, foi o naturalista tratado, por todas as classes sociaes, com a maxima polidez e hospitalidade, maior, na verdade, do que em qualquer outra parte do imperio em que tinha residido algum tempo. O Barão, principalmente, foi incançavel em obsequial-o, porque, além de arranjar-lhe casa, mandou os seus animaes a se refazerem e, frequentemente, o convidava para jantar, refeição que assumia uma feição toda patriarchal, sentando-se o Barão numa cadeira á cabeceira de longa mesa, que ia dum a outro extremo de vasta sala; aos lados tomavam lugar, em bancos, os convidados, havendo, não raro, entre elles, simples vaqueiros.

Do Capitão Antonio de Moraes, pai do Dr. Sarmiento, e do Capitão Faria, recebeu o naturalista, também, muitas provas de attenção e, «na realidade, afirmou elle, sempre hei de me recordar da estadia em Oeiras, como um dos episodios mais agradaveis de minha peregrinação no Brasil.»

Na tarde de 22 de Julho de 1839, deixou Gardner a cidade de Oeiras e começou a sua longa travessia em direcção ao Rio de Janeiro, travessia que, comquanto monotona e penosa, lhe forneceu um cabedal de novidades muito maior do que esperava. Fôra sua intenção partir pela manhã, mas, quando se preparava para fazel-o, procurou-o um dos homens que havia contractado para acompanhal-o até ao limite meridional da provincia, e informou-o ter mudado de resolução; immediatamente recorreu ao Barão, que fez vir o homem á sua presen-

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
131

ça e, como persistisse no seu designio, mandou mettê-lo na cadeia. Em substituição disse que lhe daria um soldado e, te ao viajante, de volta teria a sua baixa. Não sympathizou Gardner com esse individuo, cuja physionomia era a dum verdadeiro assassino; teve, porem, de acceitar-lhe os serviços, si bem que se alegrasse quando, emfim, se viu livre d'elle, porque jamais encontrara sujeito mais insolente, preguiçoso e mal humorado. O Capitão Moraes e outros amigos acompanharam o naturalista até uma legua adiante da cidade, quando se despediram fazendo sinceros votos para que voltasse felizmente á sua terra natal. Uma legua adiante, Gardner pousou debaixo dumas grandes arvores á margem dum riacho.

A estrada seguia rumo ao Sul e atravessava uma região pitoresca, de scenarios variados e aspectos de parques; havia muitos trechos planos a que dão o nome de *chapadas*; estes eram escassamente arborizados de cajueiros (*Anacardium occidentale*), jatobás, (*Hymenaea*), parahybas, (*Simamba versicolor*) e folhas-largas (*Salvertia convallariodora*). bella arvore de grandes folhas e cachos de flores suavemente aromaticas, parecidas com as do castanheiro da India. Como o tempo se mantivésse constante, o viajante pousava de preferencia ao ar livre, armando a rêde debaixo de arvores. Pouco adiante de Oeiras passou por varias das fazendas nacionaes, numa das quaes teve ensejo de observar o methodo empregado pelos vaqueiros para a péga do gado, que ali vagava em grandes manadas, num estado quasi selvagem. Nas provincias meridionaes, como era sabido, pegavam o gado com laço ou bolas, que a natureza descoberta dos campos permitia usar; não assim no Norte. O instrumento ali empregado era uma vara delgada, de nove pés de comprido, um pouco mais grossa numa ponta do que na outra; na extremidade mais grossa trazia imbutido um ferrão quadrangular, projectando-se apenas meia pollegada. Montado a cavallo e armado desta vara, o vaqueiro escolhe o animal que pretende pegar, persegue-o a pleno galope, alcança-o em breve e, ferindo-o, a toda carreira, com o ferrão, no quarto, facilmente o derruba; antes que a rez se possa levantar, o vaqueiro apeia-se e laça-a; desta maneira é pegado quasi todo o gado da provincia. Não ha cercas entre as diversas propriedades; mas, cada fazendeiro tem sua marca, com que ferra os cavallos e os bois antes de largal-os em liberdade nos pastos, e pela qual é facil reconhecê-los. A maior parte dos mercados do Maranhão, da Bahia e de Pernambuco é abastecida com gado do Piauí, e occasionalmente mandam-se boiadas até Minas Geraes. O gado em geral é grande e varia muito de côr, dominando a bruna; os

chifres são compridos, agudos e muito abertos. Gardner pernitoou numa das fazendas nacionaes, inteiramente dedicada à criação de cavallos e cujo vaqueiro informou produzia annualmente 400 pôldros. Os cavallos do Piauí são geralmente pequenos e vivem pouco, sendo raro excederem de dez ou doze annos; os usados nas fazendas de gado nem sequer attingem a esta idade, devido ao violento exercicio da pega das rezes. Os cavallos de sella são cuidadosamente ensinados e algumas de suas pizadas são bem agradaveis; muitas são ferradas, o que ali é menos necessario do que em muitas das outras provincias, pois as estradas são quasi sempre planas e o solo macio. O preço dum bom cavallo de carga raramente é de mais de tres libras.

O viajante chegára, então, á região a que no Piauí dão o nome de *Campos Agrestes*, e consta ora de descampados, ora de matas; os primeiros são cobertos dum aspero capim perenne e não de todo destituídos de arvores, mas estas são mais ou menos deciduas, com excepção, apenas, de uma que se conserva sempre verde: é uma especie de *Zizyphus*, conhecida por Joazeiro; não é arvore grande, mas tem ramos muito espalhados que dão excellente sombra e servem de abrigo durante as horas mais calidas do dia. O gado tambem gosta muito da sombra destas arvores e do seu fruto carnudo e doce, do tamanho duma pequena cerêja, que produz em abundancia e, quando maduro, cai no solo; este fruto, chamado *joá* serve igualmente de alimento aos habitantes. Muitas das arvores daquella região tinham um aspecto enfezado, tendo os galhos tortuosos e nodosos. Por vezes surgem nos Campos Agrestes extensos pantanaes, semeados de grupos de Buritis, palmeiras cujos frutos tenros constituem o principal alimento de tres especies de bellas aráras, que as frequentam em grande numero. Estas aves geralmente voam aos pares e cortam o ar com os seus fortes gritos de *ará, ará, ará*, de que lhes veio aquelle nome indigena. Uma das mais vulgares é completamente azul (*Psittacus hyacinthinus*, Lath); as outras são tambem azues, com excepção do peito, que em umas é cor de laranja e em outras carmin. Muitas das chapadas planas, cujo solo é duma argilla vermelha, estão cobertas de numerosos formigueiros, não raro de seis e oito pés de altura que, á distancia, tem o aspecto de cabanas de barro; são feitos pelas formigas brancas e estes insectos constituem o principal alimento do avestruz do país (*Rhea Americana*) e do grande Tamanduá (*Mynnecophaga jubata*), de que havia muitos nas vizinhanças dos formigueiros. Nos pontos mais arborizados, as arvores parecem muito com as das catingas dos Campos Mimosos, e como ellas são deciduas na estação secca.

Na tarde de 29 de Julho de 1839, Gardner chegou a um pequeno povoado, chamado *Algodões*, distante de Oeiras trinta e quatro leguas, e ali demorou-se um dia. Na manhã seguinte descansou e almoçou na fazenda de nome *Pombas*, tres leguas adiante de *Algodões*; ao partir d'ali deu pela falta dum grande mastim, com que o presenteára o capitão Moraes, facto tanto mais estranhavel quanto o animal lhe era muito dedicado. Suppoz que houvésse se embrenhado no mato, atrás de alguma caça; mas, como não apparecesse até a manhã seguinte, continuou a viagem, suspeitando por fim, que o animal tivésse sido roubado pelo vaqueiro de *Pombas*, o que, aliás, foi comprovado por uma pessoa que, ali passando dias depois, e vendo o cão amarrado, ouviu do vaqueiro que o animal lhe fora dado por um inglez em viagem para Minas.

Cerca duma legua adiante de *Pombas*, havia uma grande lagôa, de duas leguas de comprimento, porém, não mais dum quarto de legua de largura; terminava em *Algodões*; quasi que em todo o perimetro de suas margens corria uma faixa de carnahubas; a estrada marginava-a, permitindo, frequentemente, ver grandes jacarés que se aqueciam ao sol á beira d'agua. Igualmente observou o viajante muitas capivaras (*Hydrochoerus Capybara*), um bando de mais de cincoenta das quaes atravessou a estrada cerca de cem jardas adiante delle e entrou n'agua; atravessaram a lagôa nadando e foram vistas saindo do outro lado. Em muitos logares a lagôa estava coberta das grandes folhas flutuantes duma nymphêa, que infelizmente ainda não florira. Durante a noite ouviu as capivaras mergulhando na lagôa, bem perto da casa em que pernhoitou; informaram-lhe, ali, que estes animaes raramente eram molestados, porquanto a sua carne não se presta á alimentação; por isso são elles muito mansos naquellas immediações.

Desejando obter um specimen, por causa do craneo, Gardner saiu de madrugada com a espingarda, mas andou quasi meia legua pela margem da lagôa sem ver uma só; em compensação, não faltavam jacarés, um muito grande que flutuava como um velho tronco perto da margem; tentou o naturalista desfechar-lhe um tiro na cabeça; alcançado pela carga de chumbo grosso, o monstro deu um salto para fugir, mas, logo, virou-se de costas e boiou, aparentemente morto. Pensando que assim fosse, mandou o naturalista o seu criado Manoel puxal-o para terra, mas, quando este agarrou-o pela cauda, o animal voltou-se repentinamente e desapareceu. «Não sei dos dois qual ficou mais espantado, escreveu Gardner; Manoel deu um grande berro e tratou de voltar para a margem; evidentemente o animal ficára apenas atordoado com o tiro.»

Naquella lagôa havia em abundancia curiosas plantas a-

quaticas, como fôsse uma nova especie de *Cabomba* (*C. Piauhensis*, *Gardn.*), uma bella *Jussiaea* (*J. sedoides*, *Humb.*), de flores amarellas e que Humboldt fôra o primeiro a encontrar nos lagos da Nova Granada; flutuava n'agua e as folhas, que são pequenas, formam em volta do eixo da planta um denso circulo que, á distancia, parece uma sò grande folha flutuante; havia tambem especies duma *Chara* e dum *Potamogeton*, ambas interessantes porque occorrem tanto na America Meridional como na Grã Bretanha.

A 31 de Julho de 1839 deixou Gardner, pela manhã, Algodões e, depois de tres leguas de marcha por uma chapa arida e plana, chegou a Golfos, que constava duma casa isolada num môro junto a um pequeno pantano, no qual cresciam numerosos Buritis; descançaram, ali, á sombra dum grande cajueiro. Á tarde attingiram, duas leguas e meia mais adiante, uma casinha deshabitada, num lugar chamado *Retira Alegre*, situado num formoso valle, cercado de elevadas serras e abundante em Buritis, em cujas copas se abrigavam, em grande numero, aráras de peito alaranjado, conhecidas por *canindês*. Naquelle lugar achou Gardner um molecote que o esperava para guial-o até á proxima fazenda do *Genipapo*, distante d'ali ainda cinco leguas e meia. Fôra mandado pelo Capitão Valentim Pereira da Silva, que o naturalista encontrára em Algodões, em caminho para visitar um de seus filhos a quem pertenciam as terras que então atravessavam. Quando este ancião soube ser Gardner a pessoa que realizára varias curas em Oeiras, desejou que visitasse seu filho, cujo estado de saúde era mau; como a casa estivesse a poucas leguas da estrada, consentiu o naturalista em fazel-o. Cerca de meia legua antes da fazenda do *Genipapo* foi ao seu encontro o enfermo, proprietario da mesma, na qual passaram a noite, enquanto elle seguia para outra fazenda de nome *Canavieira*, dali a duas leguas, onde residia. Na manhã seguinte chegavam a *Canavieira*, á hora do almoço e tiveram acolhimento muito hospitaleiro por parte do capitão e de seu filho. Examinado este, Gardner verificou apresentar symptomas incipientes de tuberculose pulmonar, e receitou-o de accordo. Sendo extremamente raro appareter um medico naquelles ermos, foi o naturalista consultado por muitos doentes, alguns vindos de grandes distancias. Cerca dum quarto de legua adiante de *Genipapo*, o viajante alcançou a margem do Rio *Gurgueia*, que nasce no extremo meridional da provincia e despeja na *Parnahiba*, um pouco abaixo do paralelo de Oeiras. Como é geralmente o caso com os rios das provincias do Norte, as margens deste eram densamente arborizadas e de aspecto mais verdejante do que o resto da re-

gião. Permaneceu Gardner aquelle dia com os seus hospita-
leiros amigos, que o convidaram para, na manhã seguinte, a-
companhal-os a outra fazenda, distante oito leguas, pertencente
ao sogro do filho, para a qual se dirigiu toda a familia, por-
que o visitador, então na sua missão triennial, era ali espera-
do; como o lugar não ficasse muito fóra de seu caminho, accitou.

Na manhã de 3 de Agosto de 1839 deixaram Canavieira
e, tres leguas adiante, cruzaram o rio Gurgueia e entraram no
districto de Urussuhy. O rio tinha ali mais ou menos a lar-
gura do Clyde, em Glasgow, mas, era tão raso, que a agua
mal chegava ao peito dos cavallo. Depois de mais uma le-
gua de viagem, chegaram á casa dum vaqueiro, onde pararam
para almoçar e passaram as horas de mais calor. A casa es-
tava situada num valle profundo, fora do alcance da brisa e o
calor ali era intoleravel. O thermometro subiu, á sombra, a
98.º e o viajante soffreu de forte cephalgia. Deixaram aquelle
lugar pelas quatro horas da tarde e, após ainda quatro leguas
de marcha, chegaram á fazenda *Prazeres*, pouco depois
do pôr do sol. Com excepção das margens do rio, todo o
terreno, pelo qual passaram, estava muito resequido por falta
de chuvas.

O comboio era assás numeroso. Além de Gardner e
da sua gente, constava do capitão, seu filho, a senhora deste,
uma rapariga mulata carregando o filho do casal, a quem iam
baptizar, tres sobrinhos do capitão, um preto mestre-escola,
todos vestidos de couro da cabeça aos pés, e, além dos prê-
tos, que seguiam a pé, tres a cavallo serviam de pagens; a se-
nhora e a rapariga, ambas cavalgavam em sellas, conforme o
costume da terra. O preto mestre-escola era evidentemente
muito superior a todos os representantes de sua raça que o
naturalista jamais viu. Era um crioulo de fronte espaçosa;
tinha recebido bôa educação; era livre e a sua côr não o im-
pedia de frequentar a melhor sociedade do pais a que pertenc-
ia; «aliás, commentou Gardner, os brasileiros são, talvez, mais
isentos de semelhantes prejuizos do que qualquer outra nação.»
O mestre-escola possuia uma immensa provisão de espirito
e de humour, cuja torrente ininterrupta manteve alegre toda
a comitiva durante a viagem, apesar do intenso calor.

A fazenda *Prazeres* estava situada sobre um outeiro
bastante alto, no meio dum grande valle, cuja extremidade
superior era pantanosa e cheia de Buritis. Nos flancos das
aridas collinas que cercavam o valle havia grandes florestas
de palmeiras reaes, como nas immedições do Crato; e na ca-
linga, que o precedia, eram communs duas especies menores
da mesma arvore. Uma destas tinha o tronco forçado na
copa, e foi o unico caso que no genero observou o natura-

lista; o olho central fôra destruido por um motivo qualquer e dois novos rebentos brotaram em seu lugar. A casa da fazenda era grande e bem construida, sendo a melhor de todas as encontradas desde Oeiras. O seu proprietario, fallecido recentemente cerca dum anno antes, parecia ter sido não só mais activo, como dotado de muito melhor gosto do que o geral dos fazendeiros do Piauí. Em volta da casa, até consideravel distancia, havia muitas laranjeiras magnificas, carregadas de frutos, que, sendo muito caros na provincia, eram altamente apreciados. Havia tambem grandes plantações de bananeiras e varios coqueiros, que começavam a carregar. Estas arvores foram as que Gardner observou á maior distancia da costa, e, aliás, era raro serem cultivadas no interior, porquanto são plantas que preferem a beira-mar. A propriedade era principalmente uma fazenda de criação; mas, no valle, abaixo da casa, havia um extenso cannavial, que servia para o fabrico de rapadura, e bem assim roças de mandioca, a cujo plantio o solo se prestava muito. A viuva que, auxiliada dos filhos, dirigia a fazenda, era activa, intelligente e muito hospitaleira. O viajante permaneceu ali dois dias, emquanto chegava muita gente de varios pontos vizinhos, desejava de aproveitar os serviços do visitador. Antes de partir d'ali, encheram as canastras do viajante de viveres, juntando-lhes farta provisão de laranjas, que duraram por muitos dias e constituíram agradavel refrigerio na viagem.

Transpando novamente o rio Gurgueia, num lugar chamado Flores, dezeseis leguas acima da fazenda Prazeres, e depois de viajar durante dez dias em direcção ao Sul, quasi sempre marginando o rio, a naturalista chegou ao pequeno povoado de nome *Rapôsa*. A região percorrida era muito plana e geralmente arida, sobretudo quando o caminho se afastava do rio, cujas margens eram de ordinario bem arborizadas de jatobás-piquis, varias especies de *Laurus*, grandes *Bignonias*, que na occasião estavam cobertas de suas brillhantes flores amarellas. Em meio destas arvores cresciam muitas trepadeiras, como *Bauhinias*, *Combretums*, *Bignonias*, *Mulpighias*, etc., cujos ramos, adornados de flores multicores, enfeitavam alegremente as amplas frondes das arvores. Nas margens do rio cresciam tambem grandes figueiras bravas, que proporcionavam abrigo de dia e de noite. Era um verdadeiro prazer viajar á sua sombra, tanto mais quanto a região vizinha apenas produzia poucas arvores desfolhadas e a vegetação herbacea do solo, côr de tijolo, estava quasi destruida. Nesta estação o gado frequenta as margens do rio, tanto por causa d'agua, como do capim e das outras hiervas que crescem ali; mas, naquelle anno, estas tinham sido qua-

si inteiramente destruidas pela grande enchente do rio, devidas ás precedentes chuvas, que diziam ter sido as mais abundantes caídas desde 1820. Pelos vestígios deixados nos troncos das arvores pela agua barrenta, via-se que tinha subido dez pés acima do nivel da estrada.

Em Rapôsa encontrou Gardner o Major José Martins de Souza, para quem levava cartas de recommendação de seu tio, o Barão de Parnahiba. A sua casa era distante d'ali trinta leguas; mas, tendo recebido ordens para levantar tropa afim de mandal-a para Oeiras, fizera daquelle ponto o seu quartel-general. Cerca de quatro annos antes havia comprado, por cinco contos de reis, uma porção de terras, no districto de Paranaguá, abrangendo uma superficie de noventa e seis leguas quadradas, que dividira em seis fazendas de gado, todas então em plena florescencia.

Informou que, no districto, do qual era prefeito, havia 1700 homens capazes de pegar em armas; mas, no decurso duma semana, apenas lograra reunir vinte e dois. O geral dos habitantes, accrescentou, era pouco melhor do que selvagens, e não havia eloquencia capaz de fazê-los levantar em defesa de seu país. Receava, mesmo, que não tardasse a surgirem ali desordens semelhantes as que agitavam a provincia do Maranhão, e dizia ser sua intenção, o mais cedo possivel, transportar a mulher e os filhos para a capital. Presumia Gardner ter elle realizado este projecto em tempo, pois, cerca dum mez depois, o districto de Paranaguá levantou-se em favor dos rebeldes e o major, que ficára atrás, escapou difficilmente de ser victima da furia dos habitantes. O gado de suas fazendas foi quasi todo destruido. Durante a sua viagem para Oeiras, todòs os seus recrutas, excepto dois ou tres, desertaram.

Depois de quatorze leguas de marcha, o naturalista chegou á villa de Paranaguá, a mais meridional da provincia; o terreno continuára plano e muito semelhante ao já percorrido. A jornada, desde Oeiras, pouco offereceu de interessante, no ponto de vista geologico, pois as unicas rochas encontradas eram da mesma natureza das existentes nas cercanias daquelle cidade. Attrahiu, sobretudo, a attenção do viajante, a peculiar construcção das casas que viu pelo caminho, muito differente não só da de outras partes do Brazil, mas, tambem, do proprio Piauí; na maioria são edificadas com uma das extremidades para a estrada, e nesta extremidade ha um vasto aposento, com mesa e bancos, evidentemente destinado á accommodação dos viajantes, porquanto não tem nenhuma communicação directa com o resto da casa. A porta da parte habitada pela familia fica no extremo opposto, motivo pelo qual as mulheres da mesma raramente são vistas, vivendo em es-

treita reclusão. Si a casa fica paralela á estrada, a porta do aposento destinado aos hospedes é na freite e as janellas e a porta dos outros aposentos na parte trazeira. Um estranho pode, pois, viver por muitos dias numa destas casas, sem ter a menor noção do que se passa no seu interior. As senhoras, todavia, não eram baldas de curiosidade, e Gardner surpreendeu frequentemente um par de olhos negros espreitando os estrangeiros pelas fendas das frageis paredes divisorias. Entretanto, na sua qualidade de medico, o naturalista era ordinariamente admittido áquelle sanctorum a receitar uma ou outra das senhoras da familia, cuja vida sedentaria as predispunha á dyspepsia e outros achaques semelhantes. O impudismo tambem era muito commum e quasi todo os habitantes soffriam de suas consequencias. Referiu Darwin, no diario de sua viagem, que no Chile ha poucas casas nas quaes o viajante não possa pernoitar, mas, é habito retribuir este agasalho com uma pequena quantia, e mesmo um homem rico acceta dois ou tres schillins. No Brazil o caso era muito differente; na estrada do Rio de Janeiro aos districtos mineiros, que então já não era muito frequentada, sempre se encontram casas que se intitulam de hospedarias e nas quaes o viajante paga tudo; mas, se acontece pousar numa das grandes fazendas, convidam-no a participar das refeições gratuitamente e só costumam accetar pagamento pelas forragens consumida pelos animaes. Gardner salienta, sobretudo, a illimitada hospitalidade que sempre encontrou nos logares mais remotos do país, mesmo entre as classes mais pobres, e frequentemente a unica recompensa que aquella misera gente se resolvia a accetar era um pouco de polvora ou de sal, artigos que muitas vezes não se pode obter por preço algum. Ao deixar Raposa, o naturalista recebeu do Major Martins uma carta para o Juiz de Paz de Paranaguá e um bilhete para receber as chaves duma casa vazia, na qual costumava aboletar-se, quando ia á villa. Succedeu, porem, que o Juiz fôra visitar uma de suas fazendas, distante seis ou sete leguas; o vigario e o coadjutor estavam tambem ausentes em visitação. As unicas pessoas de consideração que havia na villa eram um velho rabula, o mestre-escola e um logista.

A villa, situada na margem oriental duma grande lagôa continha ao todo uma centena de casas, porem apenas metade das quaes eram permanentemente habitadas, pertencendo as outras a fazendeiros que só as occupavam durante as festas. Devido ao rigoroso recrutamento a que se procedia em toda a provincia, a maior parte da população masculina tinha deixado a villa e se retirado para logares distantes, poucos homens havendo dispostos a sentar praça. Com excepção de alguns escravos, só se viam

mulheres e crianças. As casas eram em geral grosseiramente construídas de taipa e rebocadas, por dentro e por fora, com pecto estranho. O logar parecia decadente, pois muitas das casas estavam em ruínas; a igreja, situada numa vasta praça e tendo desabado metade da cobertura, o que parecia ter occorrido permanente ali, e o unico que o viajante encontrou, chegára pouco antes da Bahia e propunha-se a voltar logo que tivesse vendido as suas mercadorias; não tendo competidores, aproveitava-se da emergencia vendendo tudo por preços exorbitantes. O povo, tanto da villa como das fazendas vizinhas, queixava-se de que a revolução do Maranhão impedia os negociantes, que costumavam visitá-la, annualmente, de vir a Paranaçuá. Costumavam trazer generos da Europa, sal, polvora, etc., que trocavam por cavallos, bois e couros. O sal era o genero de maior procura e a gente da villa conseguira achar um substituto para o que lhe vinha da costa. Junto ás margens da lagôa, o solo, em muitos logares, estava impregnado duma substancia salina que, comquanto misturada de salitre, servia na falta do verdadeiro sal; ao tempo da visita de Gardner vinha gente de logares distantes apanhar aquella substancia. O processo de sua extracção era o seguinte: limpavam o terreno de capim e outra vegetação herbacea, e humedeciam-no com agua, revelando-se os pontos mais ricos em sal pelo apparecimento de pequenos crystaes; raspavam, então, a terra com uma homoplata de boi e deitavam-na num côxo feito dum couro suspenso de quatro estacas; em seguida lançavam agua sobre a terra e deixavam-na filtrar, durante um dia, por pequenos orificios abertos no fundo do côxo, indo cair numa grande gamella; o processo era repetido até ser extraído todo o sal. A agua assim filtrada é depositada em pequenos côxos de couro e posta a evaporar ao sol, ou cozida num caldeirão de ferro, mas, sendo este utensilio muito raro em Paranaçuá, o primeiro processo é o mais usado.

A lagôa, junto á qual está situada a villa, tem cerca de duas leguas de comprido e uma de largura, mas, dizem não ser funda; a agua tem sempre uma cor avermelhada, devido, sem duvida, ao solo da região circumvizinha, que é, por toda parte, um barro muito vermelho. Diziam-na abundante em peixes, mas Gardner não conseguiu obter um só; havia, sim, muito grandes jacarés, giboias, capiváras e antas; o naturalista viu, tambem, algumas grandes lontras, mas não pôde aterrorizá-lhes. Logo depois que chegou, foi tomar um banho na lagôa e nadou até grande distancia da margem; mas, não repe-

tiu a façanha porque lhe affirmaram já ter havido ali varios accidentes, devidos não só a jacarès como a piranhas.

Com excepção duma pequena serra ao Sudéste, o terreno, em volta da villa, era todo plano e, não fôsse a lagôa, teria um aspecto muito pouco pitoresco. O naturalista fez diversos passeios pelos arredores, mas, devido á prolongada secca, pouco achou que colleccionar. Num pantano que, no tempo das chuvas, fazia parte da lagôa, encontrou duas especies de nymphéas, ambas pequenas e de alvas flores, sendo que as duma dellas tinham um perfume muito doce, ao passo que as da outra exhalavam, exactamente, o cheiro fetido do alcatrão. Na serra achou nma *Gomphia* de folhas miudas, uma *Trixis* e uma *Vellosia*, sendo que esta ultima não estava em flôr, como succedêra com as encontradas em Oeiras. Foram estes os dois pontos mais septentrionaes em que o naturalista deparou com especies deste genero, cujo fôco principal demora nas montanhas do Districto Diamantino.

(Continúa)

ALFREDO DE CARVALHO.



Canção de um louco

A CELSO PINHEIRO

Ha nos meus olhos de agapantho,
Clarão de luz fraco e sidereo,
O medo, o mal, o horror, o espanto,
De um cemiterio.

Procuro, a esmo,
Um grão de areia de innocencia...
Em vão... Sò vejo o espectro do indolencia
Dentro em mim mesmo.

Um doce-agro,
Sinto em meus labios irmãos dos Vossos...
Eu tenho pena de ser tão magro,
—Babél de ossos.

Que cousa extranha!
Que pensamento subteraneo!
Sinto que anda no meu craneo
Uma Esperança—grande Aranha.

Tece de sêda, mansamente,
A sua teia...
Trabalha, o vento vem, e de repente,
Leva o trabalho—grão de areia.

E a Aranha volta, firme e forte,
Nova cadeia levantando...
Pobre da Aranha, vae preparando,
Cochins de sêda para a Morte.

Assim tambem minha Esperança
A sua teia faz construir.
Mas, como a Aranha, não alcança
Um sommo bom nella dormir.

Vaga Esperança, a tua sorte
E' bem extranha!...
Vaes preparando, como a Aranha,
Cochins de sêda para a Morte.

LUCIDIO FREITAS.

O IDEALISMO PHILOSOPHICO E O IDEAL ARTISTICO (*)

(Conclusão)

XIX

Concluindo o seu curso de *História da Civilização*, H. Wurmser, a emérita professora do Lyceu Racine, em Paris, profere esta sentença irrefutavel: «Il n' est point, dans l' histoire de l' humanité, d' époque plus féconde en transformations profondes que le XIX siècle.» E passa em revista, summariando, os seus triumphos immarcesciveis: a lucta do homem contra as fôrças da natureza e contra todas as oppressões estabelecidas por elle mesmo; o desapparecimento quasi completo da escravidão e da servidão; a menor servidão da mulher; mais humanidade introduzida em nossos códigos com o jury, tribunaes especiaes para os menores delinquentes e as sociedades para a reabilitação moral dos criminosos e para a protecção aos animaes, *nossos irmãos inferiores*; a liberdade de consciencia, a liberdade individual, a liberdade de pensar, a liberdade de imprensa, de reunião e de associação, etc; o suffragio universal e a igualdade perante a lei; o desenvolvimento do ensino; as questões sociaes com as reivindicações operarias; e muitos outros feitos memoraveis. E a egrégia cathedrática discute, por ultimo, esta magna questão: «Si la paix civile et sociale est le bien suprême d' une nation, la *paix entre nations* devrait être le bien suprême de l' humanité. Nous acheminons-nous vers cet idéal?»

(*) Veja o fascicuo de 31 de agosto ultimo.

Não é, porem, nosso intuito acompanhá-la nesse vultuoso certamen. Queremos, apenas, aproveitar as suas idéas para tratar do nosso assumpto particular.

No meio de todas essas transformações profundas que constituem o balanço total da civilização na referida época, a sciencia foi um dos magnos factores, como já fizemos ver noutro capítulo. Mas, na embriaguez das suas conquistas, envaideceu-se demais, esqueceu a obra do passado, afidalgou-se na vertigem do poder, renegou a sua parentela, quiz empunhar o bastão do mando supremo, e, como os antigos déspotas, quiz destruir os seus proprios irmãos para não lhe fazerem sombra. «Suppoz que estava só, que tudo se lhe devia, e que, oh! pretensão!... havia de se vingar de muitas de suas auxiliares—*matando-as*... Dahi, estes passamentos decretados á philosophia, á arte, á religiosidade (veja-se que não dizemos a esta ou áquella religião, mas ao sentimento eterno da religiosidade), á literatura ás vezes, e, quasi sempre, á poesia.»

A fascinação foi tão poderosa que chegou a desnortear pensadores eminentes, influindo em toda a sociedade durante mais de cem annos. «Os progressos que a Europa tem feito desde a idade da barbaria até á civilização actual—diz Buckle—são inteiramente devidos á sua actividade intellectual.» «Não se póde hesitar—escreve Comte—em collocar na primeira linha a evolução intellectual como o principio necessariamente preponderante do conjuncto da evolução da humanidade.»

Não é a sciencia, a razão ou a reflexão que impelle a sociedade para adeante, mas o sentimento, a paixão ou o inconsciente, como dizia Hartmann.

A sciencia allumia a humanidade na sua marcha, é a lâmpada do destino humano; mas é a vontade, o coração e as paixões instinctivas que a fazem marchar. E' velhissimo o axioma de Ovidio: *Video meliora proboque, deteriora sequor*. Tanto no individuo como nas sociedades não são os mais intelligentes que possuem as melhores qualidades de character ou coração. Diz um philósopho francez: «Foi muito mais pela energia dos sentimentos do que pela profundeza da intelligencia que brilharam a maior parte dos homens que representaram um papel activo na scena do mundo. Não foi com a razão que elles fundaram religiões e conquistaram imperios. As individualidades vigorosas, que crearão o poder de Roma e dominaram o universo, se distinguiram muito mais pelo valor, perseverança e estreiteza do patriotismo, do que pelas aptidões intellectuaes. Quando Roma se dissociou, os romanos eram mais instruidos, mais civilizados e mais intelligentes do que o foram em qualquer outra época; mas tinham perdido as qualidades de character que tinham assegurado a sua grandeza

antiga». O papel da razão não é destruir as outras faculdades anímicas, mas ministrarlhes outros motivos de acção mais nobres que neutralizem os inferiores. Esse conflicto de motivos desperta novos sentimentos que, accumulados de geração em geração, pela hereditariedade, são novos factores do progresso individual e colectivo.

E' preciso acabar, de vez, com essa velleidade do *scientismo* de relegar para segundo plano, como uma superfluidade, tudo o que se não medir pela bitola do método positivo e da exacta investigação. Si não somos dos que proclamam a bancarrota da sciencia, porque esta não cumpriu todas as suas promessas, tão pouco admittimos o seu predomínio exclusivo com prejuizo de outras elevadas prerogativas do espirito humano. O coração tem razões que a razão não comprehende, como disse Pascal, e a imaginação, creadora do ideal, tem sido e continuará a ser um dos pharões da humanidade.

E. Scherer considerava o poeta como *um resto da humanidade primitiva*, um homem que vive ainda pela imaginação, um temperamento á parte, temperamento de artista com a faculdade da emoção e da intuição. Ao importantissimo crítico francez respondeu Sylvio Romero: «A poesia é por certo uma das mais antigas manifestações da alma humana. Até ahi nenhuma dúvida. Mas por ser velha, por ser primitiva mesmo, nem por isso ella ha-de morrer. Todas as grandes creações da humanidade são tão antigas ou mais do que a poesia. Mais antiga do que ella é a linguagem, e cada vez se aperfeiçoa mais; mais antiga é a industria, e cada vez se desenvolve mais; tão antiga é a religião, e cada vez se apura mais; tão antigos ou mais são os primeiros impulsos sociaes, e cada vez progridem mais. E' precisamente por ser uma das creações espontaneas, primévas e fataes da humanidade, que ella pôde, sem morrer, supportar todas as phases da evolução da nossa espécie, e acabará o último poeta, quando acabar o último homem.»

De todos os antagonismos que têm dividido os homens, o mais antigo, o mais profundo e geral é o da religião e da sciencia. Spencer estudou-o, longa e proficientemente, nos *Primeiros principios*, concluindo pela reconciliação entre os dois campos adversos. Pelo que diz respeito á civilização européa, que é a que nos toca mais de perto, esse antagonismo dominou toda a idade media, período em que a religião avassalou as consciencias, escravizando a razão á rigidez do dogma: *ancilla theologiae*. A religião christã é inimiga nata da sciencia, como obra diabólica. Logo no principio do mundo, o demónio, disfarçado em serpente, seduz Adão e Eva, induzindo-os ao peccado pela promessa de que, comendo do fruto prohi-

bido, se lhes abrissem os olhos e seriam como uns deuses—*eritis sicut dii*, conhecendo o bem e o mal. Por onde se vê que o estado de ignorancia é a suprema perfeição agradável a Deus, e a sciencia é o resultado da desobediencia e da queda por suggestão de Satanaz. Jesus não era um homem de letras. S. Paulo, o mais culto dos apóstolos, o verdadeiro fundador do christianismo, teve a consciencia da necessidade de basear a propaganda sobre a exploração da rudeza popular, banindo toda a especulação philosophica ou scientifica da doutrina. Na sua primeira *Epistola aos Corinthios*, ha trechos eloquentes condemnatorios da sabedoria humana como opposta á *loucura da cruz*. Tertuliano, o famigerado doutor da igreja (160—240), passa como autor do aphorismo—*credo quia absurdum*. E a proposito, commenta Weber: «Este lemma deve ser tomado ao pé da letra. Si a razão se tornou fallaz em consequencia da queda, é evidente que uma doutrina que a contradiz (uma doutrina absurda) tem mais probabilidades de ser verdadeira do que outra que lhe é confôrme. Nada mais *lógico* do que este desafio atirado á razão pelo célebre theólogo». As riquezas mundanas, os estudos scientificos, a ambição de poder tinham origem nos pactos diabólicos. «O que a razão descobria era estigmatizado como embuste; a sciencia, uma atrocidade, com que o pai da mentira procurava ensoberbecer-nos. A medicina era a sciencia mais detestada, porque reagia contra a vontade de Deus, de cuja mão vinham os bens e os males.»

A *Imitação de Jesus*, a obra mais popular naquelles tempos do maior esplendor do catholicismo, préga a ignorancia, re-commenda a prece, prohibe a leitura, ordena a submissão passiva. Os sabios da idade media passaram por charlatães ou feiticeiros. Alguns papas, mesmo, soffreram este labéu infamante. A lenda do *Doutor Fausto*, dominante no século da reforma, provem do anáthema á sciencia e ao livre exame. Por mais tenazes que fôsem as perseguições com as suas cruzadas e fogueiras e os seus indices expurgatórios, a razão nunca renunciou de todo aos seus direitos, e por meio dos árabes e do proprio Aristóteles, que a igreja quiz submeter ao seu canon, a sciencia foi-se erguendo daquelle medonho chão e engrandeceu-se até ao esplendido apogeu do século actual. A imprensa e a *renascença* dos estudos clássicos, bem como a reconciliação com a natureza ultrajada pelo mysticismo christão, foram as grandes alavancas dos progressos dos últimos tempos. Mas o conflicto está longe ainda do seu termo final» e o *Syllabus* paira como um assombro por sobre todo o edificio de civilização moderna com os seus anáthemas formidaveis. A reacção é sempre mais intensa do que a acção, phenómeno que constitue uma lei biológica com applicação

tambem á sociología. Rompendo os élos seculares que a prendiam, a sciencia envaideceu-se com os seus triumphos, tomou-se da vertigem das grandezas e arvorou-se em senhora absoluta das consciencias, renegando tudo o que se não ageitasse ás suas normas exclusivistas. O último representante desta tyrannia absorvente é o sabio biologista Felix Le Dantec no seu livro—*Contre la métaphysique* (1912), cujo titulo por si só dá idéa da attitude do seu autor, especialista inimigo das syntheses vastas. Bem poderíamos responder-lhe com as palavras conciliadoras e justas de um dos maiores genios da humanidade. «Aquelles que se applicam prazenteiramente aos detalhes das sciencias—escrevia Leibnitz ao conego Foucher, em 1692—desprezam as investigações abstractas e geraes, e os que aprofundam os principios, entram raramente nas particularidades. Quanto a mim, estimo igualmente uns e outros, porque acho que a anályse dos principios serve para chegar ás invenções particulares». Tobias sustenta que ha verdadeiros como ha falsos ideaes e só estes últimos é que pôdem e devem ser destruidos. Todo ideal envolve uma illusão, mas nem toda illusão envolve uma mentira. E' uma necessidade fundamental da natureza humana, uma lei invencivel da sua existencia o transformar e idealizar as realidades do mundo externo, inventando outras de carácter transcendental. «Uma humanidade sem ideal, portanto sem religião—diz Jules Soury—é uma chimera: não se pôde falar della sinão como das sereias e centauros.» E mais adiante continúa o mesmo autor: «O logar do ideal é o cérebro humano; sem cérebro, não ha ideal; o ideal não tem nenhuma realidade fóra de nós. Demais, si o ideal fosse real, não seria ideal. Quanto á nossa necessidade natural de idealizar, quanto á nossa faculdade de dar ao erro uma vida superior e divina, só terminará com a nossa espécie».

Ah! ideal, ideal!

E's a concentração da força universal,
Irradiando o trabalho, a vida, o movimento.

(G. JUNQUEIRO).

Mal desprendido das faxas simiescas por força das leis que regem o transformismo das espécies, o homem, *primus inter pares* na ordem dos primatas, ergueu o porte, articulou a palavra e empunhou o utensilio ou um calliau offensivo e defensivo. Eis o primeiro estádio do progresso humano. Desde então, é seu destino caminhar do desconhecido para o desconhecido, procurando sempre conhecer o mundo, onde foi lançado, melhorar as condições da sua existencia e penetrar o mysterio insondavel que o rodeia. Luctando contra os ele-

CASA "ANIE
(Biblioteca)

mentos naturaes em pujança esmagadora, contra as feras bravias e monstruosas, contra os seus semelhantes não menos um planeta infimo, teve como instrumentos de pesquisa e de orientação dois pharões mágicos, últimos rebentos da psychoperimenta, colhe os dados e deduz ou induz as suas leis; a outra supre as deficiencias e lacunas; vóa para além do condicional, que a razão não pôde attingir. «A imaginação vóa com asas de chamma, que rasgam, na noite, caminhos de luz, illuminando assim o invisível e apontando a verdade futura, isto é, a verdade entrevista, cuja demonstração é preciso procurar.» A imaginação é o apanagio do genio, a creadora das religiões, da poesia, des lendas e do ideal. E' o encanto e a razão de ser da vida.

«A fôrça da attracção

E' uma lei geral; domina o coração
Assim como domina as rochas de granito;
Existe um iman—Deus—occulto no infinito.
Odedece-lhe sempre invariavelmente:
Torna-te um pensador; e, mais ainda, um crente.
Tem dois pólos a alma— a crença e a razão.
A crença é o luar da nossa intuição,
Onde a razão acaba, a crença principia».

(G. JUNQUEIRO.)

Isto é poesia, não ha dúvida; mas poesia identificada com a sciencia e a metaphysica; porque a poesia, confôrme a definição do autor citado, não é mais do que a *verdade* transformada em *sentimento*.

D'entre as produções geniaes do maior poéta do século XIX vamos destacar apenas algumas estrophes de um longo e bellissimo poema, que, sob o título *Fonction du poète*, faz parte do livro—*Les rayons et les ombres*.

«Le poète en des jours impies
Vient préparer des jours meilleurs:
Il est l' homme des utopies;
Les pieds ici, les yeux ailleurs,
C'est lui qui sur toutes les têtes,
En tout temps, pareil aux prophètes,
Dans sa main, où tout peut tenir,
Doit, qu' on l' insulte ou qu' on le loue,
Comme une torche qu'il secoue,
Faire flamboyer l' avenir!

Peuples! écoutez le poète!
 E'coutez le rêveur sacré!
 Dans votre nuit, sans lui complète
 Lui seul a le front éclairé!
 Des temps futurs perçant les ombres,
 Lui seul distingue en leurs flancs sombres
 Le germe qui n'est pas éclos.
 Homme, il est doux comme une femme,
 Dieu parle à voix basse à son âme
 Comme aux forêts et comme aux flots!

C'est lui, qui, malgré les épines,
 L'envie et la dérision,
 Marche courbé dans vos ruines
 Ramassant la tradition.
 De la tradition féconde
 Sort tout ce que couvre le monde,
 Tout ce que le ciel peut bénir.
 Toute idée, humaine ou divine,
 Qui prend le passé pour racine
 A pour feuillage l'avenir.

Il rayonne! il jette sa flamme
 Sur l'éternelle vérité!
 Il la fait resplendir pour l'âme
 D'une merveilleuse clarté!
 Il inonde de sa lumière
 Ville et déserts, Louvre et chaumière,
 Et les plaines et les hauteurs;
 A tous d'en haut il la dévoile;
 Car là poésie est l'étoile
 Qui mène à Dieu rois et pasteurs.

.....

A selecção social está muito longe ainda de attingir ao seu alvo supremo—a época verdadeiramente humana. «L'âge d'or qu'une aveugle tradition a placé jusqu'ici dans le passé, est devant nous».—Saint-Simon. Os privilegios económicos e políticos, os estigmas da antiga bêsta fêra troglodyta, prompta,

sempre a acórdar, continúam a entrar a marcha da civilização. Os sentimentos generosos de justiça e benevolencia e de admiração para com o heroismo e a superioridade physica e mental dos nossos semelhantes soffrem, de vez em quando, eclipses parciaes ou totaes, evocando os habitos da selvageria prehistórica. Muitos povos ainda permanecem na idade de pedra; e os mesmos que constituem a flôr da humanidade regressam á barbaria nas guerras, na conquista dos mais fracos, na exploração das massas trabalhadora. O ouro é o grande factor e o rei do mundo moderno, gerando a cobiça, a inveja, o odio e a hyprocrisia, com que se disfarçam estas paixões egoistas. A selecção sexual é dominada pela *auri sacra fames*. A sociedade burgueza, que subordina tudo ao cálculo sórdido, é inimiga do amor espontaneo e sincero, donde surgem as descendencias vigorosas e superiores. «O casamento, ao qual são confiados os destinos da espécie e a felicidade ou infelicidade das gerações futuras,—o casamento, o acto mais solenne da vida, é um commercio ignobil: ora se vende o homem, ora se vende a mulher».

Não contestamos que estas e outras causas deprimentes concorram ainda para a degenerescencia ou para embarçar o desenvolvimento da raça humana. Mas quem comparar os primordios desta nos vestigios paleontológicos e mesmo nos selvagens actuaes com o estados dos povos civilizados do velho e do novo mundo, não poderá negar que o progresso é lei fatal da humanidade. Muitos dos antigos entraves da selecção social já foram abolidos ou pelo menos attenuados, como a anthropophagia, os sacrificios humanos, o aborto, o infanticidio, a exposição dos filhos, a oppressão da mulher, e a escravidão. Os privilegios económicos, políticos e religiosos tambem vão soffrendo profundas transformações e hão-de ceder necessariamente á caudal da civilização para a conquista de um porvir melhor, em que a lucta não será mais de todos contra todos, mas de todos por todos com a sobrevivencia dos homens mais virtuosos e mais intelligentes.

Como sempre, as utopias de hoje serão as realidades de amanhã; mas a humanidade, eterno Sisypho, continuará a rolar o rochedo fatídico no cume da montanha do Ideal.

«Aphilosophia não tem sómente relações com as sciencias: ella as tem ainda com duas das mais importantes funcções da alma humana—a poesia e a religião. Todas três têm por objecto final o ideal e o divino: mas uma, a philosophia, presegue esse fim pelo *exame* e a *livre reflexão*; a religião pela *fé*; a poesia pela *imaginação* e a *ficção*. O philosopho *pensa*; o homem pio *crê e adora*; o poeta *canta e sonha*; mas é um mesmo sopro, um mesmo Deus que os anima e conforta.»

XX

O dr. Abdias Neves começa o seu artigo, já tantas vezes citado, por estas sentenças de morte: «Vai morrer a poesia? Affirmou-o Medeiros e Albuquerque. Não estou longe, eu, de concordar. E, para mim, poesia, no crepúsculo a que assistimos, não é apenas synônimo de verso—de prosa metrificada, captiva do grilhão das rimas. E' alguma coisa mais alta: o surto para os esplendores do sonho, traduzido na opulencia de detalhes, de côres, de rythmos, que a febre da imaginação realiza—transformando a penna em pincel de maravilhosos recursos». O autor dos *Peccados*, que é mais jornalista combatente do que poeta e dramaturgo, não poz a mira tão alto; não envolveu na sua objectiva todos os esplendores da imaginação: limitou-se ao verso. Vejamos as suas palavras: «A poesia como uma arte autónoma, consistindo em exprimir os pensamentos debaixo da fôrma metrificada, viverá indefinidamente? Estará pelo menos no caso de outras artes, cujo fim ninguém pôde razoavelmente prever? Creiô que não». E paginas adiante, depois de estudar a origem e o desenvolvimento da poesia, conclue: «Ora, essa evolução parece que leva á extincção da poesia—isto é: ao acabamento da fôrma metrificada». Nada mais claro: a condemnação fatal sò attinge o verso; não comprehende as outras múltiplas fôrmas do ideal artístico.

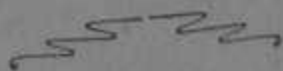
Porem, mesmo limitada a esta manifestação particular da arte, a conclusão de Medeiros nos parece que prova demais e portanto nada prova. Partindo do facto—que todas as artes: música, pintura, esculptura—tiveram uma origem commum com a religião, formando assim um todo simples e homogéneo para, no correr dos séculos, chegar, nos tempos actuaes, a um grau de extrema complexidade com os variados surtos da poesia contemporanea, os quaes só pôdem ser manejados pelos talentos superiores, pensa que a poesia vai morrer. Não é lógica a conclusão, porque deveria comprehender todas as outras artes, cuja vida futura o distincto escriptor procurou resalvar. E não sòmente as artes teriam de desaparecer pelo mesmo processo, mas todas as creações da humanidade, inclusive a sciencia e a philosophia, porque todas tiveram uma origem humíllima, obscura, simplista para attingirem com o labor das idades aos esplendores hodiernos. A sciencia começou com o conhecimento vulgar das coisas envolto no manto supersticioso das religiões, e hoje é um edificio vasto e complexo, que nenhuma intelligencia humana pôde mais abranger

por completo sinão em suas linhas geraes. Só a biología com as suas diversas ramificações occuparia a vida inteira de um espirito estudioso e superior durante dezenas de annos.

Demais, a transformação do homogêneo em heterogêneo é a propria lei do progresso, que se verifica em todos os seres do universo — desde os astros até aos phenômenos psychicos do homem. Spencer nos offerece um estudo completo sobre a origem coordenada e a differenciação gradual da poesia, da musica, da dança e da religião. É um trabalho magistral, de accôrdo com a lei da evolução, também aceita pelo academico brasileiro e pelo seu epígono piauihyense. Nunca, porem, o egregio philôsofho britannico se lembrou de applicar a pena capital a nenhuma das artes, mecánicas ou esthéticas,

As condições principaes do verso são o *rythmo* ou a medida (o principio da *cesúra*) e a *rima* (o principio musical), que nem sempre é necessaria. Desde que o individuo se acha vivamente impressionado, ou emocionado, o seu estado mental se transmite por meio de correntes nervosas aos organs periphéricos, produzindo no corpo, especialmente no rosto, modificações visiveis que se chamam expressão das emoções. Dahi o canto, a musica e a dança. Isto não é peculiar ao homem: os outros animaes também folgam e se divertem de módo análogo. Sòmente no homem o canto se torna verso pelo poder da palavra articulada. O verso, em sua essencia não é, portanto, um producto artificial que se extinga com os progressos da metrificacão. «O verso não é tão artificial como pretendem os partidarios exclusivistas da prosa; elle tem sua origem na propria natureza do homem; tem por consequencia probabilidades de duração indefinida. Segundo os dados da physiología, a lingua rythmada do verso, que tem por fim, antes de tudo, exprimir emoções, tem a emoção por causaprimaria. . . O verso faz-nos subir um tom na gamma, das emoções. Fixar, aperfeiçoar esta música da emoção, tal foi o principio e tal é ainda a arte do poeta. Poder-se-ia definir o verso ideal: a fórma que se destina a exprimir todo pensamento emocionado».

HYGINO CUNHA.



Outomno

O outomno . . .
Em toda a Natureza existe
Um mixto de volupia e de abandono,
Um lascivo torpôr
De quem quer descançar, de quem tem somno,
E essa alegria abnegada e triste
Dos que morrem de amor.

Apenas chega a torrida estação,
Entre a nevoa cinerea das queimadas,
N'um aneio de morte e de devastação,
Fogem as aves assustadas,
E as arvores succumbem, desfolhadas,
Abrindo os ligneos braços na amplidão . . .

Um halito de fogo as plantas cresta,
Desde os tenros arbustos
Aos robles ramalhosos e robustos,
Com raizes de vida secular . . .
E ha tantos troncos nus, tantos ramos combustos
Que até parece que a floresta
Vai se extinguir, vai se perder, vai se acabar . . .

Como um tufão de coleras celestes,
Passa o vento a zunir...
E as folhas amarellas tremem, prestes
A cair... a cair...
A terra, n'um deliquio somnolento,
Perde as pompas mutaveis e mortaes,
Para morrer em holocausto
A' vida nova, quando o sol, d'um hausto
Ao vigor do mormaço, e ás bafagens do vento,
Suga a seiva que nutre os vegetaes.

O outomno... Errantes nimbos de fumaça
Mancham o azul do céu, dispersando-se no ar...
Ouve-se um bater d'asa e um tiro forte...
E' a vida que o prazer busca na morte:
E' a caça,
Homem, que te distraes no goso de matar!

O som alaere das businas
Perde-se ao longo da chapada longa
Dos sertões aridos e nus...
Emquanto echoam nas collinas
O canto retinido da araponga
E o gemido de amor das inhambús...

O outomno... A vida é para os pescadores,
Para vocês, homem do mar,
Que junto ao crystal murmuro das aguas,
Sem ter cuidados nem temores,
Acham, talvez, consólo para as maguas
Nos encantos da vida de pescar.

A vida é para aquelle que se ufana,
E o seu contentamento não abafa,
Ao ver saltar, físgado pelo anzol
Ou prezo as malhas da turrafa,
O peixe a sacudir a barbatana,
A escama vitrea sciutillando ao sol.

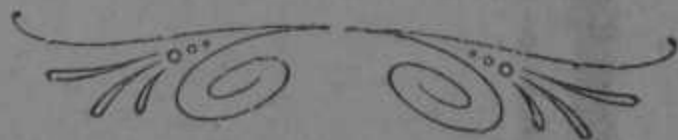
O outomno... A vida é dos contemplativos,
E' para o poeta, o musico e o pintor,
Que de alma aberta para a seisma,
Nos poentes outomnaes, roxos e evocativos,
Sentem, sonhando, por um novo prisma,
A luz, o som, a cór...

O outomno... Como encanta esta tristeza
Em que as coisas estão!
E' o extase da luz que abate a Natureza,
Estuando de emoção e de surpresa,
Ante o incendio do sol que devora o sertão...

E enquanto o sol de luz inunda
Valles, rechaus, floresta e montanhas,
N'uma explosão fatal de beijos quentes,
Morta de amor e de prazer,
A Natureza pròvida e fecunda
Abre, feliz, as maternas entranhas,
Para em seu ventre recolher
A vida imperiosa das sementes.

O outomno ahi vem... Bemdito seja
O outomno no seu fogo abrazador,
Que traz a morte para o bem da vida.
Bemdicto o deus que baixa a sua igreja,
Para erguel-a, depois de demolida,
Ante a gloria da luz, para o culto do amor!

DA COSTA E SILVA.



A HYGIENE NA CIDADE E NO CAMPO

*Conferencia realizada no palacete
da Intendencia Municipal.*

MEUS SENHORES E MINHAS SENHORAS.

Eis aqui o magno assumpto que escolhi para vos fallar neste momento. Sinto profundamente è ser occupada esta tribuna por um conjuncto de orgãos tão fraecos para superar os fortes embates de um tão elevado desideratum. E digo-vos isto, não para fazer desapparecer a minha obscuridade, mas, porque desejo fallar-vos com toda sinceridade e sinto immensamente que a minha fraqueza intellectiva e rusticas palavras não produzirão, por mais que me esforcee, o encanto e o alento, que vossos sedentos corações, complacentes e justiceiros, esperam haurir de minha palestra tosea e desataviada de floreios literarios.

Não invoco aqui as virgens loiras inspiradoras dos poetas, os Deuses da Mithologia, nem rogo o grandioso auxilio de linguagens blandiciosas, floridas, penetrantes de perfumes, de bellezas e de encantos. Fosse embora de Castalia esta agua limpida e fresca que aqui vedes, possuisse ella as virtudes de excitar-me o enthusiasmo, de exaltar-me a imaginação, não a beberia, não molharia os meus labios. Tudo, tudo que se me fosse offerecido como capaz de elucidar as idéas, tudo renunciaria neste momento, porque, o meu maior desejo, a minha mais excelsa aspiração, é tentar cumprir esta

missão com palavras que, espontaneamente, se desprendem do meu coração, pois, se assim não fizesse, meu ideal não seria realizado, nem os meus anhelos effectuados.

São phrases singelas, mas leaes, obscuras mas, verdadeiras. E' o peito de um patricio que, confiante e agradecido, se abre de par em par, para vos fallar, em familia, de preceitos hygienicos, mostrando-vos o caminho seguro em que deveis guiar vossos tenros filhinhos para que elles se desenvolvam e cresçam fortes e sadios—constituindo um possante esteio para a felicidade do lar e o bem estar desta grande nação fecunda e rica que jaz envolta em um negro lençol de miseria e de dôres que lhes desdoira a gloria, a honra e a reputação.

Se neste momento em que sinto serpear-me pelas arterias o sangue rubro que dá a vida ao organismo humano, me fosse dada a ventura de vos transmittir, por meio da palavra, as idéas que se accumulam, se avolumam, e tomam proporções consideraveis, formando montanhas insuperaveis no meu fragil cerebro, ficariais maravilhados e, ao mesmo tempo, possuidos de horrores, vendo, de um lado, a Patria, com seus incommensuraveis deslumbramentos, com sua natureza vigorosa, fecunda e eleita, a divina primavera, radiante de graça e de formosura, rica de alegria e de esperanças, cheia de promessas, de harmonias, de risos e de flores; e do outro lado, um cortejo funebre de soffrimentos, de dores e de lagrimas, de soluços e de iniquidades. E' muito, meus senhores, è muito para galgar em poucos minutos tão elevado Hymalaia, è querer recolher em uma pequenina concha todas as marulhosas aguas de um oceano, è, finalmente, aspirar o impossivel.

Sinto muito, sinto profundamente, e uma dôr immensa esconde-se me no coração, por não poder sentar ao vosso lado minha modesta tenda de trabalho, para, animado pelos vossos esforços e encorajado pelo heroismo e perseverança que vos são proprios, cooperar em pro do alevantamento material e intellectual deste Piauby amado, deste solo destinado a ser o El Dourado da terra da Promissão, desta esperada Canaan do porvir. Mas, onde quer que vá, onde quer que o destino me atire, ahí desfraldarei o meu estandarte de amor e concordia e a minha voz dissonante se fará ouvir cheia de indignação como um solemne protesto contra os actos anti-humanitarios que, dia a dia, vão se enraizando no coração da terra de Santa Cruz com o nome de civilização moderna, correndo e impellindo a Patria querida às bordas de um abysmo terrifico e monstruoso.

E a civilização moderna, meus senhores, esta mulher venenosa, diz o prof. Austregesilo, não abandona o seu sequito de maldades e de desgraças, sombreada, sempre, pela vida humana deformada, esfarrapada, seguida pela molestia—eterna em sua corrosão minaz, pela molestia que vence o homem, que o mata em suas aspirações deglutindo com a sua bocca hiante, dia a dia, milhares de vidas utilissimas ao mundo."

O mundo civilizado, diz Max Nordau, è uma grande sala de doentes que pejam a athmosphera com seus gemidos dolorosos e se estorcem flagellados por todas as especies de soffrimentos. E Buchner nos affirma que a pobre humanidade continua oppressa sobo peso esmagador dos prejuizos confissionaes politicos e sociaes; e ninguem ouve os rumores que, partindo das camadas profundas da sociedade, clamam, em um crescendo de energia, contra o estado presente social.

E' incontestavel que nossa època contem em seu seio numerosos germens, que só esperam uma occasião para desabrochar. Nós nos suicidamos, levamos, passo a passo, um punhado dos nossos orgãos para a destruição, ora com os excessos, ora com a vida intensissima de um labor improficuo, sem a methodização e a igualdade. E' humanamente contristador, absolutamente inconcordavel considerar a vida uma pesada carga e ver na sua extineção o unico alivio. Este pensar tenebroso se revolta contra tudo, contra o proprio Deus, que nos manda esperar com resignação as maravilhas interminas e eternas do Eden da Criação. A vida, meus senhores, é bõa, somos nós, homens incredulos e defeituosos, cheios de concupiscencias e de peccados, que a tornamos má, que a transformamos em um Inferno de soffrimentos, em um verdadeiro Tartaro de Supplicios.

Devemos entender que a vida não é um dom gratuito da natureza, è, antes de tudo, um encargo, uma missão que é preciso cumprir. Se ella confere direitos, impõe tambem deveres. Depende de nós mesmos os nossos gosos e soffrimentos e o nosso paraizo, o nosso inferno. A vida, diz o Barão de Toisterslèden, tem na mão uma vara de ferro para mostrar a cada um o caminho que lhe compete seguir. Felizes os que seguem a direecção indicada, e não esperam para se metterem o caminho que o sangue lhes espirre das carnes maceradas pelos golpes da grande mestra implacavel.

A mocidade actual, longe de dedicar-se ás cousas uteis, de procurar na elevação moral o elemento indispensavel á construcção do templo do futuro, amesquinha-se, avilta-se, sepulta-se no lodo das abjecções e ufana-se ainda em praticar torpezas.

A cada passo, encontram-se, eivados de vicios, moços cuja estructura cerebral demonstra, vivamente, o quanto seriam uteis á humanidade se empregassem melhor o seu poder mental.

Continuamente, em cada nucleo, em todos os pontos, a maioria dos moços entrega-se ao jogo, á embriaguez, aos lupanares, perdendo nestas occupações inuteis o melhor de seu tempo, o mais precioso da existencia.

Urge, pois, que façamos uma reforma radical nos alicerces em que se ergue o grandioso edificio da sociedade moderna, para que o bem e a felicidade de que tanto carecem gerações inteiras sejam, em breve, uma realidade.

E' contra o homem, contra vós que vou fallar, e contra os nossos erros, implorando-vos uma propaganda energica para impedir a derrocada da vida humana.

«Eu grito a desidia em que vivemos, disse algures, em que lançamos a vida humana na triste vala da degeneração, da miseria, do alcoolismo, amesquinhando o Rei da Criação transformando-o em fera bravia, em monstro impiedoso e pusilânime. Devemos, senhores, criar uma nova Sociologia para salvar a biologia, uma nova moral para salvar a humanidade». Congreguemo-nos, pois, formemos um poderoso exercito, indissoluvel, e iniciemos o combate. Armemo-nos com as valerosas armas da Sciencia e façamos a revolução, pois sò assim conseguiremos subjugar e aniquilar estes elementos destruidores que nos aviltam, e que arrastam á tortura a raça forte de Caim!

Talvez cause admiração que um obscuro servo da Deusa das ceifas e ceáras venha occupar esta tribuna para tratar de assumptos que não estão dentro das raias dos seus conhecimentos scientificos. Mas, permitti uma ligeira explicação: entre as multiplas cadeiras do curso da Escola de Agronomia, de São Paulo, onde estudei, se achavam incluidas as de hygiene rural e de medicina de urgencia, portanto, venho fallar-vos do assumpto baseado nos ensinamentos que, por sabios Mestres, me foram ministrados no curso academico . . .

Meus senhores e minhas senhoras, já váe longe o tempo em que a gente sisuda dizia que a carreira agronomica era a unica em que se olhava para as mãos do individuo em vez de se olhar para o seu cerebro: como se o centro das faculdades intellectuaes do homem mudasse de logar sob a influencia da bluzá!

Naquelle tempo, tudo era permittido, porque, a lucta pela vida se travava nas cavernas e ahi o mais forte foi o mais intelligente. Mas, hoje, que a sciencia nos emancipou do jugo da força bruta ensinando-nos a oppor umas ás outras, canalizando-as e pondo-as todas ao nosso serviço, não è de estranhar que venha palestrar com vosco sobre noções de hygiene, de medicina ou de qualquer outro ramo scientifico constante do meu curso.

O assumpto em tão má hora por mim escolhido, requer, para o seu completo desempenho, tanta somma de conhecimentos que, por mais que me esforce, não vos posso dar, em tão limitado tempo, senão o uma pallida idéa do seu importantissimo papel em relação á natureza.

Fico ás vezes obumbrado e atonite só em lembrar-me de que vivemos constantemente cercados e perseguidos por um numerozissimo exercito de inimigos infinitamente pequenos, sem podermos, ao menos, divalgal-os a olhos nús e muita das vezes nem mesmo com o auxilio das poderosas objectivas dos mais aperfeiçoados aparelhos de micrographia. São, meus senhores, estes pequenos seres em tamanho, porem, grandes na propagação das molestias, as mais horriveis e monstruosas, que

de ha muito revolucionam os grandes sabios na quietude dos seus laboratorios. E' certo que existem dezenas de milhares de seres pequeninos tão indispensaveis á vida como o ar, a luz, o calor e a humidade, e estes considero mesmo como os maiores obreiros do grande laboratorio da Natureza. Os de que òra me venho occupar são as bacterias pathogenicas, se até hoje não conseguiu descobrir totalmente e que vão em marcha vertiginosa flagellando e destruindo a pobre humanidade!

«Se fossemos supersticiosos, diz o prof. Austregesilo, deveriamos imaginar que os microbios pathogenicos constituem a fragmentação pulverulenta da alma de Satan. Entretanto, o microbio è máu. Esforça-se como nós para viver; mas o seu immenso prazer organico, a sua multiplicação bilionaria, a sua assombrosa proliferação, è a nossa ruina, o nosso fim. Obedecem á lei soberana da vida, recebem como nós, ou como As-hverus, a mesma ordem interior: Marcha! e como as flores de maio que embellezam nossos jardins, que nos delicias o olfacto com o espargir de perfumes sonhadores, assim elles, ia a dizer os iontes do espirito do mal, esperam a primavera e o inverno para fabricarem gripes e rheumatismo, para se agasalharem no calor intimo das cavidades do coração, e se baloiçarem nas valvulas, logares adrede preparados pela natureza, para o seu talamo nupcial; aguardam o outono, para, enquanto as arvores começam os soluços das suas folhagens, carcomerem os pulmões dos pobres, dos debeis e dos dementes, que vem sahir pela bocca as papoulas das suas hemoptises».

Mas os sabios não desanimam, essa pleiade de infatigaveis defensores da vida humana, nem por isso se desengana; trabalham porque trabalham, como o rouxinol canta, sem saber se os seus cantares se perderão nos ares ou irão alegrar namorados corações. E' do triste isolamento desses laboratorios scientificos, em investigações quotidianas de seres invisiveis, que surge, de vez em quando, um qual novo Redemptor, annunciando ao mundo mais uma nova descoberta para alivio dos soffrimentos dos seus semelhantes.

Lembro-vos aqui o tripanosoma cruzi do Dr. Carlos Chagas e o microbio da variola do Dr. Oswaldo Cruz. Quem conhece o valor destas duas recentes descobertas, pode avaliar os grandes beneficios que estas glorias brasileiras, que estes benemeritos patricios acabam de prestar a todo o universo.

Que abysmo não separaos ambiciosos que vivem cegos pelas imperfeições e desvairados pelas ambições, desses que consomem a vida no labôr, tantas vezes inglorio, destes apostolos da sciencia a quem a humanidade tanto deve?

São elles que, pelas suas perseverantes pesquisas, sacrificando a propria existencia, trazem o alivio ao ente soffredor, enxugam-lhe a lagrima e despem-lhe o crepe.

Perdoai-me, senhores e senhoras, a paixão intensa que consagro a estas questões; já me ia precipitando fóra do assumpto ao qual devo carinhos nesta palestra.

Volto a elle, a tratar da hygiene na cidade e no campo.

Sabemos, hoje, graças aos immensos trabalhos dos grandes Mestres, dos dedicados discipulos de Hypocrates, que esta sciencia representa uma poderosa barreira á marcha vertiginosa destes seres de tyrannias maleficas e assim fazendo, assegura-nos a saude e prolonga-nos a vida, melhorando-a. Sciencia e arte, ella garante o trabalho, o conforto, a riqueza e o poder das nações, pois não ha povo feliz e digno de viver, sem musculos fortes e nervos enfrenados pela saude. Homens doentes, fracos, degenerados pela herança morbida ou molestias adqueridas, não podem semear a felicidade sobre a terra.

A hygiene não ensina sòmente a conhecer as condições favoraveis aos nossos orgãos e funcções e as causas que alteram aquellas e perturbam estas, mas tambem os meios de prevenir as influencias nocivas e augmentar a resistencia do organismo diante das molestias. A sua esphera de acção não se estende sòmente á cidade e aos campos, mas vai alem das fronteiras, abrange as nações cuidando da vida humana como o agricultor da bõa semente, afim de que a materia que constitue o nosso corpo renove-se sempre mais perfeita e forte na reproducção das raças mais sadias e aptas para viver. A natureza fez-nos em condições de defender-nos contra causas internas e externas, productoras de molestias; assim, cada um de nós possui orgãos maravilhosos distribuidos por todo o corpo com o fim de proteger e garantir a saude. Na bocca, no pharynge, nos intestinos, no nariz, nos ouvidos, na pelle, no sangue, nos ossos, por toda parte, enfim, ha pequenos organismos, ha defesas naturaes, forças protectoras, vigilantes, promptas para o ataque ou defesa em beneficio da saude, da resistencia da vida humana. Infelizmente, porem, nem sempre taes meios de protecção são sufficientes em virtude de nós mesmos enfraquecel-os — directa, ou indirectamente. Assim, como defender-se o organismo da agua cristalina, mas portadora, talvez, do bacillo da febre typhoide, de anquilostomo doudenalis, productor do amarellão? Como defender-se o contagio do tuberculoso, do varioloso, do leproso, vivendo ao nosso lado, sob o mesmo tecto, comendo na mesma mesa e ás vezes dormindo na mesma cama? Isto em relação ás molestias adqueridas por meio do ar que respiramos, da agua que bebemos, dos alimentos que ingerimos; porque, em relação ás molestias que herdamos dos nossos pais, já nascemos com as nossas defesas naturaes enfraquecidas e insufficientes para a conservação da saude, mesmo da vida, se a hygiene não intervem.

Como defender-se a vida forte, o organismo do filho do syphilitico, do alcoolico, do tuberculoso, cuja organização foi constituída por material degenerado? Como extinguirmos

tentas molestias que nos cercam e aniquillam se permittimos que permaneçam em nossas fazendas cu mesmo nas cidades aguas estagnadas, verdadeiros focos que podem alimentar in-tue o maior flagello que persegue a humanidade? E' o mosquito, meus senhores, o agente transmissor da escarlati-na, do sarampão, da rosacea, do anthraz, da febre amarella, do cholera, da malaria, etc.

Os estragos causados só pelo paludismo cobrem metade da superficie da terra. Na India e na Italia morrem, em cada anno, milhões de pessoas, e entre nós, tambem, quantos milhares não desapparecem victimados por este mosquito?!

Vede senhores, o alcool, esse Rei absoluto do universo, esse mal pernicioso e anti-hygienico que leva a humanidade de olhos vendados, degrau a degrau, ao pego da perversidade. Alem do seu effeito nocivo á saude, torna-se perigoso porque o homem, uma vez alcoolizado, perde a razão e entrega-se aos actos mais abominaveis e ás depredações mais torpes. Lembrai-vos de uma lenda arabe, que corre por ahi fora, em uma cartilha escolar, do filho que, bebado, matou o pai e esbordou a irmã. Entretanto ha quem diga que prohibil-o é cortar ainda mais rente as asas a esse anjo decaído—c homem. Dizem mais que o homem precisa de excitantes; é machina, consome energia e, portanto, della carece, a procura, e se não a encontra extingue-se.

Combatemos o seu uso como bebida e havemos deo combater sempre, porque consideramol-o um elemento destruidor da vida humana.

Quando ha 8 annos, mais ou menos, residia nesta cidade, recorde-me ter morado em uma casa onde o poço ficava anexo á privada, e, de accordo com as informações que me prestaram os seus primeiros inquillinos, as aguas deste poço eram utilizadas para o consumo domestico. Entretanto, são hoje vejo quantos perigos cercavam aquella honrada familia, pois sabemos que as aguas provenientes da decomposição das fôzes existentes na commua, obedecendo ás leis da gravidade, vão se infiltrando nas camadas de terra do sub-solo até encontrar o lençol d'agua subterraneo do qual provem a agua do poço. Assim sendo, é evidente que estas aguas são nocivas porque arrastam consigo germens pathogenicos que constituem um grande perigo para aquelles que dellas se utilizam. Um outro facto que tambem não to nos entristece é o pouco caso que se dá ás construcções de casas entre nós; tenho visto que raros proprietarios observam as indispensaveis exigencias hygienicas nas suas edificações, os demais limitam-se a fabricar verdadeiras estufas, sem ar, sem luz, que constituem terriveis fôcos de molestias, fontes perigosissimas onde se intrincheiram os maiores inimigos da nossa existencia, sevadouros pavorosos de ratos que se encarregam de espalhar a peste bubonica e outras molestias que causam terror aos proprios defensores da vida humana. Meus se-

nhores e minhas senhoras, precisamos, em primeiro lugar, olhar para estas miserias que nos humilham, que constituem forças poderosas para nos transformar em pouco tempo em individuos degenerados, incapazes de attingir o cimo do grande monte do progresso, onde já tremulam victoriosos alguns estandartes do nosso país.

Não vos quero fallar, aqui, dos estragos e horrores produzidos pela syphiles, na miseria destes filhos rachíticos, enfezados, incapazes, que serão as urzes da sociedade futura e que amaldiçoarão, na impossibilidade de triumpho na vida, a memoria de seus pais.

Se nos dermos ao trabalho de percorrer os reconditos dessas collossaes fabricas que se erguem alterosas nas grandes cidades do nosso país, recuaremos cheios de horror e indignação, vendo ali pequeninas creaturas atrophiadas no meio de uma athmosphera infecta, vergando para terra sob o peso de um trabalho excessivo, tão pallidas e tão tristes como mirrados caules de plantas sem chlorophila. E' o abandono e a miseria em que vivem que as impelle a esse forçado martyrio!!

Condemnei e condemno mais uma vez o máu habito que ha entre nós de falta de escrupulo em tratando-se de pessoas atacadas de molestias contagiosas.

Para mostrar-vos quanto receio causavam os leprosos na idade media, basta dizer que eram considerados verdadeiros párias da vida. De longe, muito de longe se annunciavam com vestuarios apropriados, sinetas nas mãos, e lanterna na cabeça. Não penseis, porem, meus senhores e minhas senhoras, que sou de opinião que se despreze e repudie estes pobres infelizes da vida; não, devemos, pelo contrario, lançar mão de todos os recursos provaveis, evitar males maiores, dominar as dores physicas e retemperar a alma soffredora dos condemnados. Fallai ao doente pouco de sua molestia, tonificae sempre o character do enfermo para que elle comprehenda que os males não foram feitos para as arvores ou para as pedras, senão para o proprio homem. Diz o Dr. Richardson que devemos afastar, destes infelizes affectados, a cholera, o odio, a tristeza e o terror, porque exercem nelles as mais funestas influencias e diminuem a sua vitalidade.

Na impossibilidade do organismo defender-se contra tantas causas de molestias, são indispensaveis outros meios de defesa ensinados pela sciencia, e, são estes meios protectores, providenciaes, que constituem a hygiene.

(Continúa).

R. FERNANDES E SILVA.

Na Academia de Letras

DISCURSO DE FELIX PACHECO

Ainda a mim mesmo pergunto a razão de meu ingresso neste cenaculo respeitavel em que se aggrechia o fino escol de nossas letras. Desejaria attribuil-o á minha propria vaidade convencida, fruto perdoavel de obras realmente feitas ou de merecimentos que, na verdade, pudessem justificar esta alta honraria final, que representa uma doce e grata esperança de sobrevivencia na dispersão implacavel do tempo. Mas sô posso responsabilizar a vossa extremada benevolencia, que naturalmente o que quiz foi, mais uma vez, fazer sentir a todos que esta instituição não se propoz a erigir quarenta marcos pesados sobre as idades em evolução, nem fechou suas portas á mocidade cubiçosa e febril, renovadora de tudo, presumida às vezes, mas sincera e desculpavel sempre.

Vão avultando no vosso seio as almas em flor, que o vosso generoso estimulo attrahiu e engrandece. Será talvez um mal esse criterio. Adormecem lá fora, na meia sombra do esquecimento voluntario, muitas summidades conspicias, que deviam figurar entre os pilares de vosso zimbório. Mas não é culpa vossa, se ellas fogem obstinadamente ao tratas me-no desta casa. A juventude, mais afouta, percebe bem esse afastamento dos luminares irreductiveis; e ahí está o motivo principal por que se acerca de vossos humbraes, na esperança, que nunca repellistes, de collaborar, tambem, com vosco, na ar-

dua, mas consoladora tarefa de salvar o sonho, o gosto d'arte e a pureza da lingua num meio hostile e indifferente, que só liga uma attenção passageira a essas cousas maravilhosas do espirito.

Sobram, entre nós, desculpas para a impaciencia dos moços. Não é o insoffrimento europeu, utilitario e feroz, ancioso por chegar e vencer na gloria e na perfeição. Parece antes uma necessidade expontanea, em harmonia com a exuberancia transbordante da vida no tropico, onde as intelligencias, como as selvas, desabrocham cedo e cedo se expandem nos grandes anhelos e nas altas febres transformadoras, que symbolizam a nossa natureza e marcam, de um traço caracteristico inconfundivel, a nossa feição mental, inconstante, impetuosa, desconnexa, mas inquestionavelmente bella, forte, soberana, esplendida.

O melhor signal de vossa vitalidade está, justamente, nessa fascinação que exercéis sobre os inquietos, que vão chegando para formar os novos elos da cadeia luminosa, atravez da qual se perpetua, com segurança, a formosura e o brilho dos destinos literarios do Brasil. Todos elles nascem gritadores e rebellados, possuidos de si e ufanos da missão que lhes toca, mas deslembados de que as horas que batem não representam senão o desenvolvimento logico de um vasto circulo, cujo immenso diametro ninguem mediu nem medirá jamais.

Eu não fugi á regra geral, á puridade vos confesso, nem me pejo de o dizer, que os annos parcos e meus ardores juvenis, intemperantes, largamente me excusariam.

De resto, a vossa propria origem e seguimento dispensariam a penitencia. Nunca a exigistes da meninice emphatica, a que, com tanta propriedade, alludiu Afranio Peixoto no seu formoso discurso de recepção, confessando, desembaraçadamente, que já desde esse tempo longinquo aspirava ser academico. Tampouco a cobrastes ao espirito frondista de João do Rio, que agora vemos com alegria no alto posto de redactor-chefe e director de verdade da *Gazeta*.

Il faut que jeunesse se passe, e eu não preciso, entrando aqui, desfazer-me das minhas admirações pelo genio maravilhoso de Cruz e Souza, cujo verbalismo estuante não era senão a roupagem de um estheta delicadissimo, nem necessito igualmente renegar as predilecções que tive e que conservo por Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, Moréas, Regnier, Maeterlinck e tantos outros. quando hoje o symbolismo, n'algumas cousas, venceu e quando já por ali vem Marinetti com o futurismo, deixando a perder de vista *Les Villes Tentaculaires et les Campagnes hallucinées* de Werhaeren.

Estou tanto mais no direito de ser crido, quanto é certo que os não imitei ou seguí, deixando-me ficar na transição e procurando as mais das vezes enquadrar as minhas brumas e os meus deliquiosos preceitos que a escola anterior estabelecera como decretos irrevogaveis da belleza no Parnaso. O

ter permanecido assim, admirando por igual a perfeição da forma de Heredia e as rebeldias do metro vario, que aqui mesmo, na Academia, já foram louvadas pela palavra autorizada de Meleiros de Albuquerque, parece-me desculpa bastante e razoavel e não me acanho de apresental-a.

A Academia, como acertadamente o disse o seu primeiro e para sempre lembrado presidente, na memoravel sessão de abertura, em 20 de julho de 1897, foi iniciada por um moço, aceita e completada por moços; nasceu, portanto—são delibiciosos—com a alma nova, naturalmente am-

Nessa mesma sessão, Joaquim Nabuco, com a sua linha incomparavel de Apollo, encanecido mas sempre joven e com aquella dyonisiaca profundeza interior que lhe completava a figura excelsa, alludiu á necessidade ou collaboração dos novos, accentuando, com jubilo, que a Academia não se erigira em «gabinete de antigualhas».

Linhas adiante frisou: «E' um anachronismo recrear, hoje, para as Academias, o papel que ellas tiveram em outros tempos; mas se aquelle papel fosse ainda possivel, nós teriamos sido organizados para não o podermos exercer».

Era a propria evolução que elle louvava, o circulo sem diametro mensuravel a que acabo de referir-me e de que tambem fallou, por outras palavras, aquelle mesmo e grande brasileiro que foi, como um filho espiritual de Athenas, educado na elegancia mental de Lutetia e repolido na austeridade puritana de Oxford e Boston:

«Não baverá nada de commum entre nós? Ha uma cousa: é a nossa propria evolução: partimos de pontos oppostos para pontos oppostos, mas, como os astros que nascem uns a leste e outros a oeste, temos que percorrer o mesmo circulo, sòmente em sentido inverso. Ha assim de commum para nós o ciclo, o meio social que curva os mais rebeldes e funde os mais refractarios; ha os intersticios, do papel, da caracteristica, do grupo e filiação literaria de cada um...»

«A utilidade desta companhia será, a meu ver, tanto maior quanto fôr um resultado da approximação, ou melhor, do encontro, em direcção opposta, desses ideaes contrarios...»

Depois destas citações, posso agora dizer-vos, tambem, em augmento de minha defesa, que eu não chegara á poesia por um refinamento de cultura, como ás vezes acontece, nem ao jornalismo por calculada preferencia. Ainda hoje penso que o que me conduziu da puericia, deformada pela irregularidade dos estudos, á mocidade livre e solta, embora dura e trabalhosa, foi um como abandono propositado a certos poderes innatos, cujo livre curso nunca procurei obstar.

Não ha por ahi quem não deseje dizer o seu segredo á vida. E' na extensão e na forma dessa confidencia que reside a alma do verdadeiro artista.

Tenho para mim que falli nessa dourada aspiração, especie de supplicio delicioso em que, muitas vezes, o pensamento

naufraga, quando não oscilla entre as suspensões de sentido, que a visão interior suggere e as incertezas da força animica justificam, ou quando não se esbate, como sombra diffusa e vã, nos longes sentimentaes, que o poeta idealiza, mas que se vexa de concretizar em estrophes que digam tudo.

Tres collecções de poesias, que sô agora logrei refundir e augmentar para a publicação de um livro definitivo, não eram cabedal que me autorizasse a pleitear, aqui, uma cadeira. Não o era tambem um modesto trabalho de occasião, feito ás pressas e no verdor dos annos, para apanhar o centenário do formador da imprensa livre, honesta e democratica em meu país. Tão pouco valiam, para esse effeito, outros rapidos escorços historicos e biographicos, conferencias varias e discursos breves, artigos perfunctorios de critica litteraria e social, traçados no atropelo da profissão, que cada vez me prende mais ás contingencias do dia e da hora e me separa e me afasta dos suaves recantos por onde andei com a alma em soluços e o coração fremindo por amores que se partiram, como expressões de um desejo apenas esboçado e para logo extincto na crepitação da propria chamma. Menos legitimos eram, ainda, os titulos de publico serviço, em digressão de leigo por um ramo de sciencias applicadas, nos seis ou sete annos gastos com enthusiasmo para diffundir um methodo que consultasse melhor aos interesses da segurança social.

Ao fim do meu balanço e sem querer alludir a um breve transitio forçado pela politica, de que talvez me sinta sempre e cada vez mais distanciado, com uma escassa producção legislativa que não me honra como parlamentar, embora não me entristeça como servidor do regimen, vejo, desolado, que talvez só o exercicio continuado do jornalismo profissional haja concorrido para que eu merecesse a sympathia de vossos suffragios.

Nunca fui, não sou, não quero ser de facto outra cousa. Sinto-me bem comigo mesmo e abenço o meu destino, orgulhoso, sem duvida, de haver obtido, mais pelo meu trabalho do que por virtudes intellectuaes que não possuo, o modesto posto que a confiança do mais velho e mais eminente de nossos jornalistas me conferiu na grande e veneravel instituição de imprensa que dirige.

Foi allí que me disciplinei na experiencia e apprendi a amar a tradição, que liga as almas no tempo e dignifica as idéas no espaço, fundindo o homem e as cousas, como expressões de um mesmo ambiente, que se altera e se modifica, mas que nunca desaparece ou se dissolve, antes cada vez mais se renova, se embelleza e se prolonga.

Quasi tres lustros passados nessa tenda repousada, em contacto frequente com o que de melhor possui o Brasil em todos os ramos de sua cultura, talvez me houvessem deformado o antigo aspecto.

Pelo menos, ando meio esquecido dos impetos irreveren-

tes da primeira idade, quando, nas nossas revistas de papel de linho, cheias de caixas altas e novidades que só agora andam na berra, vociferavamos contra os velhos, que continuam, aliás, a passar excellentemente de saúde e hoje só me parecem rãos de um peccado, que vem a ser o da maior indulgencia para com os dispausterios da precocidade feroz, que sonha com a derrocada de tuco, sem conseguir, ás vezes, edificar a si propria.

Não retive o nome do displicente malevolo que apreçoou que *le journalisme mène à tout, à la condition d'en sortir*. Antonio Leitão, o saudoso mestre, com o scepticismo natural dos que já viveram demais para guardar ainda illusões, costumava repetir, sorrindo, essa phrase, aos mais novos do *Jornal*, á guisa não sei bem se de conselho ou se de advertencia. Deve ser exacto o conceito, porque é sempre avultado o numero dos que desertam da classe, mal obtem os proventos da incursão transitoria pela floresta benefica, maravilhoso degrau para todas as ascensões e instrumento admiravel de não importa que conquistas se queiram fazer. Mas é injusta a satyra, se visa os officiaes sinceros do officio. Para estes, o jornalismo, longe de ser o jardim das delicias, que outros procuram e sabem achar, é uma dolorosa selva selvagem, que devemos perlustrar com as cautelas maximas e sem excusados pavores, para que possamos fruir, na tranquillidade do dever cumprido lealmente, os contrastes de belleza e de horror que ella offerece no desdobraimento magnifico de suas arvores fecundas, por baixo das quaes passam e repassam, mergulhadas nos paues, as figuras de perdição, opprobrios da sociedade, na eterna comedia da vida, que todos nós precisamos conhecer, para nos plevarmos acima das miserias, que, envergonhando a especie, inutilizam o homem.

Foi por esse caminho que cheguei até vós, perdido na abundancia forçosa da produccão anonyma, quero dizer quasi sem titulos pessoais provados, o que agrava ainda mais o erro de vossa benevolencia e augmenta sem duvida a carga de vossa responsabilidade.

Na opinião de muitos, o jornalismo vai-se distanciando tanto das letras que não devesa mais existir aqui nenhum logar para os servidores desse velho e bello officio, moderadamente transformado e modificado pela vertigem estonteante da informação. E' certo que vejo neste recinto algumas cadeiras ostentando veneraveis nomes da profissão. Mas são modelos extinctos, que só sobrevivem no presente, porque nos resta ainda, por fortuna nossa, o genio assombroso do nosso Presidente actual, o architypo incomparavel da majestosa especie infelizmente morta.

Noutros tempos, a carreira se resumia no publicista e na idéa. Era o homem, pensando e agindo na ordem mental, como um semeador. Hoje é o reporter e o facto, num cruzamento incessante de espelhos que se reflectem, multiplicados no infinito.

Que pensamento de arte ou que gosto de forma e esmeros de estylo poderão caber nesse choque brutal e continuo, puro trabalho mecanico e inconsciente, em que a curiosidade se devora a si mesma, numa autophagia que não pára, com a fome sempre renovada dos alimentos grosseiros preferidos pela massa exigente e inculta?

E' mais difficil, do que parece, a resposta a esta pergunta. Poderei tental-a para justificar de longe a minha presença no vosso gremio.

O jornalismo não deve ter perdido os foros que possuia, só pela simples modificação de sua natureza e de seus processos. Ainda se pôde entrar nelle pela porta larga do sonho, que a intensidade da vida contemporanea não fechou.

E nada impede que a chamma do idéal, a cada instante reacesa pela necessidade irreprimivel de clarear o mundo, consiga manter-se noturbilhão phantastico das horas actuaes, menos vagarosas e mais allucinantes do que as antigas.

Eu, por mim, não adoptei a carreira sem aquella paixão recondita, que é, em tudo, o segredo do exito. Envenenado pela tinta de impressão desde a infancia, na provincia onde um dos meus gostava do mister e o praticava, deixei que essa tendencia tomasse o tempo aqui no Rio aos meus estudos no Collegio e de tal sorte e com tamanho fervor, que ainda hoje a convicção que me resta é de que vim marchando, sem solução de continuidade, pelo caminho que foi mais de meu agrado, a despeito dos ralhos muito justos do meu pai, jurista austero e educador sisudo, que nunca confiou nem devia confiar nas virtudes problematicas desse processo autodidaetico.

Revendo provas e compondo versos, antes de chegar à mesa de redactor, fiz os estadios classicos e não é culpa minha se os erros que não corriji, meus e dos outros, e os sonhos que alimentei e vise dispersarem, não me curaram da grave molestia e me deixaram continuar errando e sonhando impenitentemente...

Os espectaculos multiformes da vida e do progresso, com o seu tumulto e os seus rumores perceptíveis ou subterraneos, nunca foram obstaculo á florescencia das cousas bellas, que perfumam o espirito e consolam a alma. Errará crassamente quem suppresser o jornalista profissional desligado dessas formosuras balsamicas, sem as quaes a terra seria um antro abjecto e o homem o mais miseravel dos seres.

Todos nós devemos restituir á vida aquillo que ella nos dá, na livre expansão revolta de suas forças, isto é, a experiencia, que ninguem, fóra della, nos pôde ensinar. Nós outros tivemos, sempre, adstricta á carreira, a presumpção de uma tarefa educativa. Não descobriu ainda a nossa vaidade que essa missão tutelar, que nós mesmos nos attribuíamos, não provem de nós, senão e apenas do que vemos e aprendemos, para transmittir por acção meramente reflexa.

Não importa esse destino na suppressão da vontade e

da iniciativa, nem no apagamento definitivo do ideal. O ideal è a razão da vida. Sem elle, como sem a luz, tudo se afoga-ria na amalgama imprecisa e indefinida, onde as cousas e as idéas perdem os seus contornos e formas, sumindo-se na confusão cahotica, que nada exprime ou significa. E' pelo ideal amando, rindo, soffrendo, na fé como na desesperança, com a plenitude consciente de sua fortuna varia.

Se alguma vez lhe acontece perder essa força mysteriosa e omnimoda, que resume o segredo de todas as victorias, o que lhe cumpre é tocar de novo, como Anteu, o solo sagrado e receber, outra vez, o generoso alento, reerguendo-se da queda com redobrado vigor.

O jornalismo deve conservar, sempre, na banalidade prosaica dos factos, como nos arremessos tempestuosos a que assiste, aquella parcella de illusão, que tudo redoura e sem a qual nos perderiamos nos desertos vasios e seccos, que a morte espalha pelo mundo como ante-camaras de seu solio;

Ai de quem vive preenchendo apenas a vida, na inutilidade de vel-a decorrer, sem o orgulho de participar activamente della!

A terra inteira é vibração e poesia. O homem precisa ser o sentimento e o sonho, carregando estas asas leves e frisadas atravez de todas as futilidades afanasas que o preoccupem.

O jornal, como o entendem, hoje em dia, é o mergulho absoluto na intensidade da vida. E, neste mar immenso e sem fundo, em que todos nós bracejamos como naufragos, de ouvido attento aos menores rumores e levados por correntes irresistiveis, sobram, felizmente, ainda, como nas idades abençoadas da Hellade e do Latium, as sereias divinas incarnando a belleza que não morre. São as formosuras ondeantes, que reapparecem em nossa frente na travessia penosa, symbolos exactos da febre interior que vae com'nosco num porfiado esforço pela elevação do senso moraleapurado gosto no trato das cousas nobres.

Ninguém pensou, ainda, nos milagres estupendos da curiosidade, que é a alma da imprensa contemporanea e o significado principal das eras que hoje desfilam.

Nunca a lição da vida foi tão completa, como depois do advento dessa deusa insaciavel e fecundissima, que tudo observa e relata e perquire e desvenda, deixando-nos apenas o grato e facil trabalho das deducções, poupando-nos a todos o sacrificio de adivinhar e reduzindo o poder da intuição, que era outr'ora um predicado raro, á simples obrigação commum de ver, raciocinar e sentir.

E se assim è, como parece, ninguém deve estranhar que, uma vez por outra, procureis trazer para o vosso gremio alguma dessas almas enamoradas, perdidas no vortice tragico.

Decerto, nenhuma dellas vos offerecerá o typo modelar que sobeja na vossa companhia excelsa. Esta devera ser, em

rigor, a galeria dos repousados, que viessem para a gloria no isolamento radioso de suas predilecções: poetas, romancistas, oradores, historiographos, pedagogos e sabios, reunidos e associados num mesmo sentimento de zelo e de amor pelo culto desta lingua remoçada, cuja admiravel plasticidade e cujo maravilhoso surto de belleza e de força, pelos seculos em fora, hão de fazer do vosso Diccionario uma tatefa sem fim.

Mas assim me quizestes e aqui me tendes. Não vos trago senão uma leve certidão modestissima, que, forçada a parecer polymorpha, já perdeu de todo as esperanças de brilho e perfeição.

Da burocracia official e da politica parlamentar, tranquillizai-vos, nada consegui que possa affectar o vosso luminoso cargo. Passei pela primeira e ando a meio da segunda, sem propriamente tocar nem uma dellas. E' possivel que, dest'arte, haja perdido ensejo de melhorar a mim mesmo e remir-me de maitos peccados e defeitos. Alegro-me, porém, com algumas virtudes que, acaso, me tenham ficado de minha propria esquivança a esses contactos em geral propicios, mas, tambem, não raro, incommodos e deformadores.

Tenho certeza de que me não desconheço e nem me iludo sobre o nenhum valor de minhas pobres obras ou acções. No proprio jornalismo, serei, quando muito, um discipulo de outros que, generosamente, me vieram podando as demasias para nivelar em mim o sentimento da independencia na medida do justo criterio, que é mais difficil de achar-se do que alguns imaginam.

Chego, portanto, sem bagagem apreciavel e não serei bastante severo se me julgar apenas um espirito versatil, a quem os deveres da profissão impediram que se fixasse em qualquer ramo, despensando-o, por uma especie de gymnastica especial, que outra cousa não é o tirocinio diario o ininterrupto, a apparentar uma idade maior do que a que realmente possui.

E' na verdade escasso esse cabedal; mas eu espero vel-o accrescido ao calor do vosso convivio, pelos outomnos e invernos, que hão de vir, sem a melancolia das folhas cahindo e sem os desesperos rheumaticos que o frio costuma acarretar...

Coube-me aqui a cadeira, que se poderia talvez chamar da irreverencia, personificada no vulto extraordinario, mas ainda pouco conhecido, de Gregorio de Mattos. A sua obra travessa, diabolica e irregular, que passaria como de positiva demolição constructora, se não fora tambem pontilhada de graves lacunas moraes e de varias subalternidades, o meu saudoso antecessor deixou-a realçada n'um brilhante ensaio, que o conhecimento dos restantes ineditos do poeta talvez honvesse lhe aconselhado a refundir,

O meu protesto inicial deve ser o de fazer quanto em mim caiba para fugir aos manes do incomparavel satyrico bahiano, approximando-me, por outro lado, o mais possivel, das lições do grande espirito, que procurou fixar na memoria do pais a lembrança do discutido e endemoinhado patrono.

Temo que a disparidade destas duas referencias vos inclique a idéa de que estou a dizer-vos sim ao mesmo tempo não.

A questão é, realmente, de affirmar e negar e eu nunca vi juntos, na historia, philosopho e poeta de aspectos tão differentes. Admira, até, que o desregramento e a petulancia dissolvente e lasciva do bacharel mordaz da Colonia, nos seus desconcertantes remouques em verso, hostilizando o reinol e creando, virtualmente, o nativismo—pelo culto obsecado das creoulas ardentes e sensuaes, tivessem de tal forma attrahido o espirito severo e ponderado de Araripe, cujos pequenos olhos, vivos e luminosos, só por excepção se voltavam para as miserias de cá de baixo, preferindo, sempre, encarar as cousas altas e profundas da vida, as quaes amou como ninguem e, mais do que ninguem, no nosso meio, admirou e serviu.

As formulas academicas, que nenhum desejo tenho de transgredir, antes procuraria, de bom grado, fielmente, observar, exigem que eu retrace, neste discurso de recepção, a figura literaria do meu antecessor.

Grata incumbencia seria essa para qualquer dos novos de nosso pais. Todos elles enxergavam no mestre extinto o juiz bondosamente equanime, que, a desfechar uma censura preferira, sempre, oppor um conselho, guiar, esclarecer. Ninguem, nestes dous ou tres ultimos decenios, animou mais a juventude literaria do Brasil do que Araripe Junior. Elle foi, uma especie de pai espirital de todos nós. Consideravamol-o, geralmente, como um amigo mais velho e nos approximavamos d'elle sem o temor das reprimendas severas que, em vez de corrigir, descoroçoam. Essa benevolencia permanente de sua cultura, fizera d'elle o dilecto mentor affectuoso de quantos no Brasil começavam a perlustrar a aspera via do romance, do verso, das bellas letras em summa.

Foi sempre assim, desde a época feliz d'*A Semana*, de que ainda recentemente nos fallou, num bello artigo, Escra- gnolle Doria, até os tempos do *Pão Espiritual*, da *Gazeta*. Dahi para cá, Araripe não mais, systematicamente, se occupou de livros novos. O seu espirito apura-se demasiado no trato das grandes questões philosophicas e literarias, escasseando-lhe, então, o tempo para cuidar de estreantes. Ainda assim, por vezes appareceu a ungir e encorajar os recém-vindos, como, por exemplo, Aggripino Grieco e essa romancista viril e quente, cujo pseudonymo de Albertina Bertha logo se descobria na roda dos poetas delirantes,—como uma flor nova que se abrisse no tumulto das grandes paixões ardentes e domi- nadores.

Araripe realizou, no Brazil, o verdadeiro typo do intellectual moderno, que nada de humano reputa alheio a si e que, multiplicado, como um deleite, a sua propria curiosidade dispersiva, toca nos mais variados assumptos e os approfunda como se quizesse devassar todos os recantos, para adquerir, com isto, aquella admiravel visão de conjunto, que acaba substituindo o critico pelo philosopho e trocando o commentador de livros pelo observador social, tão attento ás apparencias dos phenomenos como á natureza interior das grandes almas, reveladoras dos segredos terriveis, que formam o substractum da vida, como o Dante, o Shakspeare, o Pöe, o Carlyle, o Emerson e o Ibsen, com os quaes elle se familiarizou estreitamente.

Um de seus collegas de repartição, talvez o mais autorizado entendedor de musica, no nosso meio, o que quer dizer — uma figura altamente espiritual, seu amigo de todos os dias e seu companheiro de todas as horas, costumava defini-lo como um perseguidor do *insaisable*.

Perseguidor ou perseguido... E quem o não é das cousas mysteriosas que enchem o mundo? O homem, apesar de todos os seus orgulhos olympicos, ha de ser, sempre, um emparedado e o artista muito mais ainda, como o disse o extraordinario esthetico das *Evocações*. Pöde subir e approximar-se o mais possivel das estrellas radiosas e cubiqadas, sem nunca as alcançar na liberdade do vôo para o alto. A sua força de ascensão jamais encontrará limites nem obices; mas em derredor, fechando o ambito vasto e tapando a immensidade infinita, que se prolonga na escuridão tenebrosa para o lado de lá, as quatro paredes fataes subirão parallelamente ao seu esforço, para lhe impedir o conhecimento exacto do inapprehensivel.

Araripe, na sua expressão mais distincta, foi uma victima dessa febre eterna, em que os sabios, como os thaumaturgos, os artistas, como os selvagens, acabam: sempre no desalento final do mysterio, impotentes e em deseconsolo, nivelados na mesma curta estreiteza de entendimento.

Elle era, entretanto, equilibrado e medido, preserutador e seguro na analyse e no commentario. Nunca se apavorou com a certeza das grandes anomalias, que desconcertam a ordem das coisas e modificam o aspecto interior das almas. A sua vasta cultura philosophica e literaria, feita com verdadeiro espirito de ecletismo, seunia, além dos classicos, Taine, Spencer, Comte, os idealistas allemães da ultima metade do seculo XIX e os innovadores mais modernos, como Ruskin e Bergson, com transito forçado pelos grandes mysticos e pelos grandes espiritualistas que, isolados á margem da idade contemporanea, fizeram o milagre de renovar na clareza, a velha metaphysica absurda e incongruente.

A excellencia desse cabedal facultava-lhe poderosos instrumentos de observação e habilitava-o a perquirir da esthetica macabra de Edgard, das maravilhas pungentes de Dos-

toyewski, ou das expressões perturbantes do inferno dantesco — com a mesma calma com que meditava um parecer juridico ou compunha um artigo sobre factos do dia.

Considerava o terror uma função normal. Mas a ancia superior não o deixava nunca. Delle se pôde dizer que andou sempre a procurar o nexo immaterial das idéas e a explicação impossivel dos destinos humanos.

Analysando, um dia, a sympathica e esquecida physionomia litteraria de Lacerda Coutinho, outro illustre intellectual, que foi tambem seu collega de repartição, refere-se a um bilhete que este curioso pessimista recebera de um velho amigo louco no dia de seus annos, e confessa:

Abalou-me esse documento; e, apesar do meu optimismo e da crença que tenho sempre depositado nas forças benéficas da natureza, fiquei pensativo, perguntando a mim mesmo se não terá seu fundo de verdade o principio hostilizador, a que a superstição astrologica subordinava a vida de algumas pessoas.

A opinião que, cada vez se me arraiga mais, da leitura de suas obras, é que Araripe representava, sobretudo, um divagador, mas um divagador profundo e surpreendente. Dizem os seus intimos que teve, antes do meio seculo, crises neurasthenicas sérias. Houve até uma vez em que precisou ir ao estrangeiro, procurando então em Buenos Aires, no derivativo dos espectaculos novos, socego para a sua inquietude latente. Isolava-se de tudo nesse momento. Ficava, como nos conta o antigo Secretario d' *A Semana*, no fundo de seis ou oito mezes de absoluta inaptidão para o trabalho.

Num desses dias amargos, disse á filha dilecta, em cuja privilegiada intelligencia e amoroso coração se remirava com a mais angelica meiguice de pai que já vi neste mundo:

Trago a alma mergulhada em tristeza. Por que um céu tão azul, tão formoso e eu sem poder gosar-o?

Mas o facto é que sahia sempre dessas dolorosas pausas mais espiritual e mais subtil e luminoso do que dantes.

Elle amava a vida com todos os optimismos e dissabores a ella inherentes, a vida no seu desdobramento illogico mas certo e inevitavel, a arte com as suas formosuras e os seus pavores tragicos, a humanidade como ella é, — extranha, complexa, varia, difficil.

Era por isso, talvez, que divagava. Que ha de positivo na vida senão a divagação, formadora dos sonhos bellos e descobridora de verdades occultas? . . .


Araripe foi um leitor insaciavel; punha nesse arduo trabalho um zelo que ia até os extremos do cuidado material com os volumes, seus dilectos amigos hoje dispersos.

Se escrevia, era extravazante, obedecendo a uma necessidade intellectual irreprimivel. No seu andamento vertiginoso, não raro deixava de obedecer a propositos deliberados; e, sempre que podia, intercalava figuras novas nos seus trabalhos.

Numa carta que me mandou no dia da morte de Machado de Assis, a quem admirava sem reserva, mas cuja absoluta e formosa castidade nunca pudera comprehender, remettendo-me um lindo artigo sobre a figura extinta, e alludindo, no *post scriptum*, á continuação de uma *Dialogo* que já vinha, anteriormente, rabiscando e que parara de publicar, usava destas expressões:

«O automovel perdeu um pneumatico. Está se endireitando. Sabe quantos passageiros já subiram? Dez. E' demais! Está completa a lotação. Vou voltar para a cidade. Nas *Furnas* (o *Dialogo* era num passeio a Tijuca) havia tanta lama que foi preciso drainal-a. Isso competia ao ajudante do *chauffeur*, que fez serviço prompto e asseado.»

(Continúa)



HYMNO Á FEBRE

Traze-me, febre, a taça dos venenos,
dâ-m'a, quero beber o opio do sonho;
hei de doirar, com a sua luz, ao menos
um dia, só, meu carcere medonho.

Quero enche-lo com a musica dos threnos
para perder seu ar negro e tristonho;
hão de enfeitá-lo marmores hellenos,
há de ter um aspecto alvo e risinho!

Vamos! Não vens? Quero as delicias do opio!
E' tão variado o teu kaleidoscopio:
dá-me quadros de luz, scenas ethereas

Embriaga-me com o teu licor patricio . . .
Dá-me as ancias supremas de um supplicio,
queima-me o corpo, escalda-me as arterias . . .

ABDIAS NEVES.

FOLKLORE PIAUHIENSE (*)

O obscuro fantasma criado pela poesia mythologica evaporou-se, perante a luz brilhante de um conhecimento scientifico das leis naturaes.

Ernesto Haeckel—Historia da criação.

Quem estudar a natureza humana verá, necessariamente, que, quanto é menor o grau de adiantamento de um povo, tanto maior é o poder impressionista e illusorio que o domina. E' um facto incontestavel.

A illusão exerce um poderio tão energico sobre a imaginação do homem inculto, que o faz conceber um terror invencivel por certos factos que o impressionam. Ella tem a propriedade de dar uma vida aparentemente real a objectos inanimados.

A impressão, como a illusão, influe directamente sobre o poder imaginativo, e, dahi, as concepções obstinadas que abatem o espirito humano, e, dahi, a constante transfiguração dos factos.

Já disse uma vez e repito novamente—que o espirito humano é muito susceptivel de impressões que, nelle calando, se tornam firmes, inabalaveis como inscrições nas campas. (1)

(*) Veja o fasciculo de 31 de agosto ultimo.

(1) Fetichismo relig. e pol.

Uma circumstancia qualquer, mesmo a mais vulgar, preoccupa a imaginação e faz brotar uma immensidade de pensamentos vãos, que, se sobrepõem, que se solidificam, que, finalmente, não se desligam mais do cerebro em agitação.

E' por este processo que os acontecimentos reaes vão, pouco a pouco, esmaecendo na memoria dos povos e se transformando em lendas, que se transmitem de geração em geração. (1)

A luz brilhante de uma estrella, o mover turbulante e sombrio das ondas, o deslizar suave das aguas crystallinas de uma fonte, a figura gigantesca de uma montanha, a apparição periodica de certos astros, e muitos outros phenomenos exerceram uma influencia fortissima sobre o pensamento dos primeiros povos e foram origem de varias lendas, crendices e bruxarias.

O homem, ignorando as cousas mais simples, que determinavam a variedade dos phenomenos naturaes, sentia um horror crescente por tudo quanto observava. Dahi o poder illusorio, mostrando as primeiras manifestações de sua impressão. Dahi as crenças obstinadas, as superstições importunas. Dahi o fetichismo.

«O homem supersticioso, diz M. James Sully, julga-se guiado por bons ou máus espiritos, quando novas idéas nascem em seu espirito, quando novas resoluções nelle se debuxam.» (2) E' assim que vemos o valor de uma crença puramente supersticiosa, agindo, directamente, sobre as acções de um povo.

Este estado se tem transmittido, de tempos remotissimos, até nossos dias. A virtude de um amuleto teve grande força nas cosmogonias antigas e, hoje, elle ainda produz milagres para os credulos.

Estas emoções que experimentava o espirito humano, nos primeiros tempos, deram origem a principios embryonarios de religiosidade.

Dois factos importantes, diz Letourneau, são factores da idéa religiosa:—a impressão e a intelligencia, (3)

Quando, em estado de atrazo, o homem lançava um olhar sobre qualquer phenomeno natural e não o podia comprehender, começava a pôr em exercicio a sua intelligencia.

(1) Para provar o que fica dito, basta observar o que, desde os irmãos Grimm, está exuberantemente provado: que os contos populares remontam, em sua maioria, á idade média e á antiguidade, e que têm intimas relações com os mythos.

(2) Les illusions des sens et de l'esprit.

(3) Physiologie des passions.

Procurava saber a razão das cousas, fazia indagações com a imaginação, raciocinava, mas o seu raciocínio era vão, porque a ignorância o absorvia. Depois vinha o terror, o amedrontamento, e elle impressionava-se seriamente e a sua impetuosidade era a solução do magno problema illusionista. Elle temia o objecto desconhecido, divinizava-o, adorava-o por fim.

Aqui temos, agora, o homem, por força do poder emocional, favorecido pela intelligencia, a par da impressão e da illusão, tornado um visionario, um religioso, um crente!

E, deste modo, brotaram as primeiras idéas do sobrenatural

Do atheismo inconsciente ao fetichismo, passando ao polytheismo, mais tarde ao monotheismo e, por fim, ao pantheismo: eis a marcha evolutiva da idéa religiosa.

Foi, portanto, a religião, um meio de satisfazer as exigencias da naturalidade illudida, que precisava de uma explicação qualquer para a comprehensão dos diversos phenomenos que a preocupavam em sua ignorancia.

Esta é, porém, uma explicação metaphysica, que vai já quasi extincta, e continuará a desvanecer-se á medida que o dominio da sciencia moderna for se espraiando e pondo em seu logar as forças mecanicas que regem o universo.

Para conhecer a natureza de um povo, é preciso attender á sua origem, á sua indole, ao clima, ao territorio, pois são estes os elementos essenciaes para bem determinar o seu character.

O povo brasileiro é o resultado do cruzamento de tres raças—a branca, a negra e a americana.

O elemento portuguez, o africano e o indigena são, portanto, as fontes donde emanou o que principalmente se pode chamar—o brasileiro puro.

Descendendo de tres raças, participamos, infallivelmente, de alguns dos usos e costumes peculiares a cada uma dellas. Estudemos, em primeiro logar, as crenças do nosso selvagem, depois busquemos saber, tambem, as das duas outras raças, para podermos accentuar quaes as crenças fetichistas, superstições e lendas do povo do norte do Brazil, o que constitue o objectivo deste estudo.

É uma questão que não está ainda bem averiguada a de saber se o selvagem tinha uma idéa mais ou menos assentada acerca do sobrenatural. O selvagem ignora a distincção do natural e do sobrenatural; elle vê e nada explica. É assim que se exprime Hovelacque (1) em relação ao nosso

(1) Les debuts d l'humanité.

botucudo, uma tribu quasi extincta, mas que ainda apresenta vivos vestigios.

Couto de Magalhães, porem, è levado a acreditar que o indigena tinha uma idéa qualquer de que os espiritos sobrenaturaes exerciam sobre elle uma acção benefica. E, deste modo, elle se nos manifesta:—entre os selvagens, assim como entre nós, a acção attribuida aos espiritos sobrenaturaes é uma acção benefica (1). Adiante, diz elle que ninguem pode recusar-se a enxergar nesses seres a manifestação de um verdadeiro instincto religioso.

Em contraposição ao que diz este nosso distincto escriptor, vem Hovelacque, apoiado na autoridade de Saint-Hilaire, nos garantindo que o selvagem não tem absolutamente idéa de divindade.

Esta descoberta de Saint-Hilaire fez saltar dos labios deste grande naturalista umas magnificas expressões saturadas de vivo entusiasmo, as quaes, com prazer, tambem repito:—*Il est athée comme l'enfant; hereuse phase, trois fois heur reuse!* »

E' uma verdade inconcussa que o espirito de religiosidade brota do apparecimento de phenomenos que não podem ser comprehendidos e explicados. Actualmente, mesmo, a religiosidade é, para a maior parte dos homens, puramente passiva: elles crêem de ordinario sem que comprehendam pela simples razão de lhes haverem dito.

A educação tem um poder enorme sobre o modo de pensar das creanças. As idéas do sobrenaturalismo vão se gerando no seu cerebro conforme lhas vão ditando sua mãe, seus parentes, sua governanta ou seus mestres. Este phenomeno, que se observa tão claramente nas creanças, é tambem patente nas povoações ou tribus selvagens.

O nosso indigena, como todo homem primitivo, não tinha a faculdade imaginativa, de tal sorte desenvolvida que pudesse prescrutar a zona dos conhecimentos *ultra ratiõne*.

Para mais authenticar as asserções, que faço, vou citar um exemplo bem frisante que li em uma obra de M. Le'ourneau:—E' um dos primeiros missionarios da nova Caledonia, o padre Borgerou, que o conta.

Para se proteger contra o roubo dos naturaes, os missionarios mandaram vir da Europa um cão bulldog. A nova Caledonia estando completamente desprovida de quadrupedes mammiferos, o animal pareceu aos Neo-caledonianos um ser prodigioso. Elle lhes inspirou um terror profundo, e, racioci-

(1) O selvagem.

nando com a logica elementar do selvagem, resolveram se conciliar, o mais possivel, com este ser perigoso e superior. Assim, um dia, lhe enviaram uma commissão encarregada de lhe offerecer frutos e legumes, e de fazer um longo discurso, no qual solicitavam sua amizade e o louvavam pelo seu poder.

Quantos factos analogos não são occasionadores de superstição, nas creanças?

O terror, sempre o terror produzindo o fetichismo!

Pode-se agora crer que o selvagem do Brazil começou a ter as primeiras noções das cousas religiosas, ou, antes, que as primeiras manifestações de religiosidade, só lhe preoccuparam o pensamento, depois do contacto dos exploradores, que aportaram em nossas plagas.

Para a cathechese dos indios, os jesuitas procuravam formular palavras adequadas e que mais ou menos pudessem corresponder á exteinação de doutrinas que, incutidas no animo desses pobres ignorantes, os deixavam apoderados de panico,

Elles, os guerreiros das florestas, que viviam numa doce alegria de innocentes, habitando as tabas que seus avós, os mais valentes dos guerreiros, haviam construido com a palma do tucum, do pati e da palmeira das chapadas, bebendo o *cauim* nos festins, dançando ao pé das fogueiras, nessas horas de prazer, elles os descuidados da vida, viam-se, ás vezes, obrigados, para se livrarem de maior supplicio, a repetir aos jesuitas, seus domadores:

Arobrar, Tupan Pay, chemoiassouch Yépé chemoinoud, yépé Pay. (1)

E os jesuitas sentiam então uma satisfação intima por admirarem o prodigio de suas doutrinas, o valor de suas palavras.

Mas . . . não se lembravam elles que não havia a exteinação verdadeira de um sentimento, a revelação de um pensamento espontaneamente gerado pela convicção.

Não lhes convinham indagações taes . . .

Depois que uns respingos de civilização se foram derramando pelas tribus selvagens, depois que o indio foi se familiarizando mais com os homens da cathechese, começaram a germinar, nos habitantes das florestas, as idéas confusas de adoração, reverencia, temor a objectos divinizados.

(1) Creio em Deus, quero baptisar-me. Missão dos padres Capuchinhos na ilha do Maranhão, pelo padre Claudio de Abbeville.

Eis operada a phase primitiva da evolução religiosa do atheismo inconsciente ao fetichismo.

Hoje, quem percorrer o interior das provincias do Amazonas, Pará, Maranhão, etc., e procurar saber as crenças religiosas que ahi se encontram, entre os selvicolas, ha-de, necessariamente, convencer-se de que uns resabios mui pronunciados de mythologia ainda os domina. E' assim que nessas tribus os indios rendem preitos ao sol, á lua, e a todos os astros.

Recorrendo aos indianologos brazileiros, encontrei a nomenclatura de alguns deuses, a cujo cuidado estavam os destinos de certos objectos. *Guaracy* (o sol) é o creador dos animaes; *Yacy* (a lua) é a protectora dos vegetaes; *Anhanga* e *Cahapora* estão ao encargo das caças do campo e das matas; *Uiyara* guia os peixes; *Secy Cêrêrê*, *Batatá*, *Urutan* e *Curupira* são deuses de categoria inferior. Um dos maiores deuses é o *Ruda*, figura imaginaria de um guerreiro que vive acima dos montes. *Cairé* (a lua cheia) e *Catiti* (a lua nova) são emanações dessa divindade suprema.

E do mesmo modo é que se encontra nas mythologias antigas uma simples palavra assumindo uma personalidade, representando uma entidade suprema.

O *Guaracy*, de simples sol, passou a representar um Deus; *Yacy*, que significava a lua, foi considerada uma deusa.

Sir H. Braucrofit (1) pensa de maneira identica, quando diz que «em mythologia, a linguagem se reveste de personalidade e independencia. Muitas vezes, a simples significação da palavra torna-se uma idéa essencial. Zeus, de simples céu, fez-se o Deus do céu; Eos, originariamente a aurora, fez-se a deusa da manhã.»

Pode-se, em resumo, dizer que o nosso indigena está na ultima phrase do fetichismo—a astrolatria.

O elemento africano concorreu e concorreu directamente, para o augmento da população do Brazil-Colonia. O trafego desmesurado dos filhos da região tropical trouxe, o que era inevitavel, uma invasão de negros, que infestaram o territorio do pais novo. A immigração africana cada vez mais desenvolvida, o commercio de escravos tomando proporções agigantadas, eis, em summa, a causa da apparição repentina de uma outra raça, que, unindo-se á dos naturaes e á dos por-

(1) The native races of pacific states, p. 5 do vol. 3.^o.

tuguezes, formou o terceiro elemento para a constituição de uma outra raça, co-participante de cada uma dellas—a brasileira.

Os africanos, todos os escriptores estão de accordo, são dotados de uma falta de desenvolvimento das faculdades intellectuales, quasi compromettedora.

Elles não tinham, como também em principio o nosso selvagem, uma idéa assentada sobre a existencia de entidades superiores; adoravam a lua, o sol, os montes, os animaes e muita cousa mais.

A oeste de Ulloa, no Senegal, e, ainda mais, em toda a costa do oceano Atlantico, predomina o fetichismo mais grosseiro. Isto affirma um escriptor de credito.

No Aschanti, ha um vago presentimento de um deus supremo, de um creador chamado Jau Kompuné.

O negro da Africa applicava-se mais á dança e aos festins, era um amator da musica e dos folguedos; indolente por natureza, pouco lhe importavam as importunações de idéas sobrenaturalistas.

Com relação às idéas religiosas, é forçoso confessar, elles viviam num fetichismo o mais material possivel.

Eram supersticiosos, mas a sua superstição levava-os, somente, ao dominio dos pensamentos máus. Quero dizer, temiam os fetiches com medo que lhes não causassem algum mal.

Não é difficil ver entre elles uma serpente elevada á categoria de deusa. Os Gallos adoravam uma serpente, assim também entre os Cafres existe o culto da serpente.

Era, pois, predominante entre os africanos o temor dos máus espiritos. «No Aschanti e dahi até ao sul da Benguela, o homem ignorante e supersticioso crê nos máus espiritos.»

Essa crença é também um dogma da religião catholica que prescreve a existencia de uma entidade malevola, com o fim de punir com castigos infernaes as almas mal procedidas!

Era quasi que dominante, no territorio africano, a reverencia rudemente concebida por objectos inanimados, e Hartmann nos fala de uns fetiches do Ruanda, que eram feitos de madeira, representando, grosseiramente, umas estatuas humanas, pintadas de branco, de preto, de encarnado, de varias cores, e ornadas de cabellos, de pennas, de cornos, de dentes e de uma sorte de objectos bizarros.

Ao pé desses fetiches faziam festejos, rendendo-lhes preito. Tinham como certo que estes deuses possuam um grande cabedal de força, que os ajudaria. Não lhes davam, porem, uma animação, como quer a nossa igreja, que conservou estas mesmas tradições, fazendo-as, no entanto, representar um deus invisivel, mysterioso!

O que é, porem, fora de duvida é que os negros importados para o nosso país não traziam idéas fixas á cerca do sobrenatural, e que se deixavam dominar, portanto, pelas palavras sonoras dos traficantes, seus seductores.

E' occasião de estudar, ainda que rapidamente, as crenças mais salientes dos portuguezes, que habitavam o Brazil na epoca colonial.

Sabe-se que Portugal era já uma nação antiga, algo degenerada em seus costumes. Ahi reinava, como hoje, uma anarchia religiosa, não havendo uma idéa caracteristica propriamente dita, um verdadeiro congraçamento de pensares. Uns eram catholicos na accepção rigorosa da palavra, outros polytheistas. Esta era mais ou menos a divisão, sob o ponto de vista religioso, dos homens daquelles tempos; como tambem dos contemporaneos, com algumas restricções.

Os portuguezes invasores do territorio brasileiro traziam enraizadas as suas crenças, e as suas superstições. A classe baixa da sociedade, tendo idéas mui vagas e frageis de uma concepção religiosa, por onde pudesse regulamentar os seus actos, deixava-se entregar ao polytheismo, e então era supersticiosa em extremo.

Esta gente não fardou em assimilar as lendas dos selvagens, e tanto as suas como as destes pôde satisfazer as pobres exigencias de sua imaginação inculta. O selvagem e o negro, por sua vez, procuravam fazer saber o poder de suas crenças, mas, fragilissimos, como eram, não resistiam ao imperio de forças mais energicas.

Aqui se vê perfeitamente estabelecida a concurrencia de tres elementos, que disputam, entre si, o predominio.

Qual será o vencedor? Eis formado o magno principio da lucta pela existencia. Um terá a victoria, os mais sentirão o abatimento ou serão eliminados.

Dá-se a lucta entre tres grandes raças que desejam fazer sobresahir e accentuar os seus costumes, lendas e superstições.

Todas as vezes que tres forças se combatem, uma lucta tremenda se estabelece e o poder da maior subjugará, fatalmente, as outras duas. Isto é já um facto verificado, e que não se pode mais contestar.

Darwin, o creador deste principio scientifico, assim o demonstra por meio de uma serie indefinida de exemplos tendentes ao fim almejado.

Na antiguidade, dizem a paleontologia e a archeologia

prehistorica, os leões eram de duas especies: uns de juba, outros despídos desse ornamento, assemelhando-se ás leões. Um combate tremendo travou-se entre estas duas especies de animaes; os leões de juba tinham mais chances de vencer porque possuíam um broquel natural onde se embotavam os arremessos dos outros—a juba. Em consequencia disso, seguiam apoderar-se das leões em detrimento dos mais, e o resultado, a conclusão fatal, foi que a raça dos leões sem juba, não podendo procrear, desapareceu completamente. Os fortes derrotaram os fracos, que foram gradativamente extinguindo-se.

Aqui está bem patente o valor deste principio, que Hæckel faz apparecer em todas as manifestações da vida cosmica.

Pois bem, foi uma lucta identica a que se deu entre as tres raças que habitavam o Brazil. Tres elementos convergiam, tres raças luctavam para a conclusão de sua origem, de seus costumes, de sua lingua. Mas foi uma lucta desigual. A raça civilizada era a mais forte; ao seu contacto, o negro, vencido, escravizou-se e o indigena, apavorado, evadiu-se.

O braço vencedor subjugou ambos.

Mas si o indio se afundou no oceano de suas florestas virgens, si o negro baixou a cerviz, ao mando do seu senhor, si entregou o corpo ao latego cruento, não o fizeram sem que os seus costumes, as suas creanças, superstições e lendas fossem sendo, invencivelmente, assimilladas pela raça dominante, ou pelo menos ella fosse modificando-as ou transformando-as surda e lentamente.

JOÃO FREITAS.

(Superstição no norte do Brazil).

(Continúa.)



Paginas escolhidas

A MULHER E A RELIGIÃO

Ce n'est en effet que relativement que certaines vérités peuvent paraître dangereuses: car elles ne le sont point par elles mêmes; elles nuisent seulement à ceux en situation de se faire un profit de leur ignorance . . .

LAMARCK.

Entre as questões que ora se agitam sobre a emancipação da mulher das rígidas cadeias do formalismo tradicional, resalta uma que, geralmente, passa despercebida e merece, todavia, considerar-se de primeira ordem: a questão religiosa.

Ha escriptores que pugnam, calorosamente, pela liberdade da mulher na vida economica, no direito, e na politica; mas, quando escalam as muralhas da religião e da moral, emudecem, ou então se resignam a seguir as formalidades anacrônicas do tradicionalismo.

A mulher deve ter religião, dizem elles; deve ter o sentimento do Sobrenatural, porque, sem a percepção de um mysterio, que seja, na sua mente, a incarnação da bondade e do amor, a mulher vem a perder esse «encanto moral», que a enaltece.

O homem pôde ser atheu, desprezar todas as crenças religiosas; permite-o a sua mentalidade forte, educada nas leis scientificas, no conhecimento dos phenomenos da natureza.

Mas a mulher, por causa de sua «fraqueza mental», necessita de um amparo e este é a religião, a crença em um Poder Supremo, onde seu espirito debil vá buscar a força precisa para vencer «moralmente» as seducções do peccado.

E' falso que essa fraqueza mental da mulher, que a tor-na propensa a superstições, seja um phenomeno caracteristico da sua personalidade. A psychologia experimental não admittit, absolutamente, semelhante absurdo. Ella encontra no organismo feminino as mesm.s condições de desenvolvimento intellectual, que se verificam no homem. A fraqueza mental da mulher, tão decantada pelos poetas sentimentaes, é o effeito da pessima educação do meio social, educação pouco avançada, que, em logar de formar e fortalecer a intelligencia, a deturpa e esteriliza.

A natureza não atirou a mulher a esse estado de inferioridade que ora se lastima, ora se celebra com odes anacronicas: mas a sociedade com as suas instituições despoticas, perpetuadas pelo egoismo dos potentados e pela ignorancia secular da consciencia collectiva. Ella encarcerou a mulher em um labirinto de deveres e obrigações e, com tal intransigencia, que o resultado foi fazel-a um «homem incompleto», como disse Aristoteles, soffrendo as consequencias dessa má adaptação.

Proclamar a quêda moral da mulher com a liberdade religiosa, é fazer depender a moral da religião. Outro prejuizo que se deve combater—admittir-se entre o phenomeno religioso e o phenomeno moral uma relação de causalidade. A religião não é a «causa efficiens» da moral, como ainda pensam espiritos retardatarios. E a prova é que ha individuos de uma moral purissima, sem o menor traço de religiosidade, ao passo que outros se encontram profundamente religiosos, mas com uma conducta moral abaixo da critica. O mesmo entre os povos: ha povos em que a evolução moral se faz independentemente da religião, quando outros que se preocupam com o fantasma do Sobrenatural se salientam pela depravação dos costumes, pelo requinte da ferceidade ignobil.

Não ha, pois, razão de defender-se a religiosidade da mulher, pelo facto de nella estear-se a sua integridade moral,

Si as suas qualidades nobres emanassem da religião, certo seria a maior de todas as perversidades arrancal-a desse estado psychologico, em que moralistas atrazados fazem repousar a estabilidade da familia.

Diz-se que uma mulher sem religião é uma mulher sem pudor, um aborto moral. Quer dizer que o pudor é um reflexo do ceu na alma da mulher, que a faz casta e pura, uma especie de «Logos» platónico, sentimental, que a Providencia insufflou no coração feminino, cujo amor o conduz, por vezes, aos paramos da heroicidade.

Não ha maior tolice nem sentimentalismo mais futil. Entretanto, é raro deparar-se quem julgue o contrario e busque a verdade onde ella deve procurar-se,—na observação dos factos.

Vejamos o que diz Guyau, na «Irréligion de l'avenir», pag. 253 e 254, depois de perguntar si o pudor é uma virtude religiosa, ou si é uma virtude moral; si desapparece com a

religião, ou si enfraquece dando-se á mulher uma educação verdadeiramente scientifica. -Certamente, diz o malogrado escriptor francez, o pudor pôde ser uma maravilhosa salvaguarda para as crenças e mesmo para as crenças irracionaes; elle impede, sempre, que se leve o raciocinio, como o desejo, até o fim. Mas ha um pudor verdadeiro e um falso, um pudor util e um prejudicial. O primeiro não está, realmente, ligado ao sentimento religioso—nem em sua origem, nem em seu destino. Antes de tudo, qual é a origem do pudor? Ha na donzella o sentimento vago de que ella dispõe de um certo thesouro ambicionando, muitas vezes, por diversos. Este sentimento que se confunde com uma consciencia obscure da sexualidade, era necessario á mulher para attingir, sem se deixar vencer, o completo desenvolvimento de seu organismo. O impudor precoce, pôde, com effeito, fazer deter o crescimento. Produziria, tambem, facilmente, uma infecundidade relativa. O pudor é, assim, uma garantia para a especie, um desses sentimentos que a selecção natural deveu conservar e augmentar. Elle è, alem disto, uma condição de selecção sexual; si a mulher se entregasse, sem discernimento, a todos, a especie viria a soffrer. Felizmente o desejo encontra nelle este obstaculo, e não pôde vencer-o sinão quando é attraído fortemente por alguma qualidade notavel no objecto desejado, qualidade que será em seguida transmissivel á especie.

A origem puramente biologica do pudor, reconhecida pelos naturalistas, vem destruir, deste modo, o character divino que os espiritualistas lhe attribuem e em que assentam a pureza e a graça do «sexo fraco», cuja missão social se reduz, para elles, a «ter filhos» e educal-os nos preceitos do dogmatismo religioso.

E para melhor pulverizar a crença de que o pudor é uma emanção da divindade, basta lançar um olhar sobre as sociedades animaes, em cujo seio elle se manifesta, com a mesma intensidade, servindo ás fêmeas de arma de defeza contra a tirannia do instincto genesico.

Os agentes dos cultos religiosos a quem o conhecimento da natureza incute pavor e odio, não se convencem da ignorancia em que se acham, e a razão disso está em que a mulher, penetrando na origem certa dos sentimentos que lhe permitem conquistar, na civilisação, um logar eminente, deixará, como pueril, o acervo das superstições grosseiras que lhe offuscam a clara visão das coisas.

Elles exploram o pudor, como exploram o amor da mulher. A sentimentalidade em extremo vibratil do sexo, quasi sempre assaltada porphenomenos neuropathologicos, facilita aos defensores do tehologismo a propaganda de doutrinas monstruosas, que corrompem e deformam as mais solidas organizações psychicas.

Exaltando a castidade, como dom celeste e confundindo-a com a pureza, apregoando do alto dos pulpitos virtudes asceticas que enervam a alma e a inutilizam, os pontifices e os

apostolos das religiões procuram afastar o homem da mulher, em detrimento da especie, a cuja propagação oppõem o culto religioso,—o mais estúpido de todos os attentados que brotam no cerebro humano contra as leis irrefragaveis da natureza.

«Mas a verdadeira pureza, diz Guyau, é a do amor. Pôde dizer-se que a castidade verdadeira está no coração; que ella sobrevive a do corpo, que cessa, ao contrario, ali onde se torna impotencia, restricção, obstaculo ao livre desenvolvimento do ser inteiro: um ennuco, ou um seminarista, podem não ter nada casto; o sorriso de uma noiva para seu noivo pode ser mais virginal que o de uma freira. Nada, aliás, macêda o espirito como uma preocupação muito exclusiva, constante, das coisas do corpo: a attenção attraida sem cessar deste lado evoca necessariamente imagens impudicas. São Jerónimo, no deserto, crendo, como elle mesmo o conta, vêr dansar ao luar as cortezãs Romanas, tinha o fundo do coração e o cerebro menos puros que Sócrates visitando sem ceremonias a Theodora. O pudor excessivamente consciente torna-se necessariamente impudico. A virgindade tira toda a sua graça de uma ignorancia; quando se torna bastante sábia, passa a se conhecer a si mesma, perde todo o seu frescor . . .»

A moral religiosa, tal como geralmente se comprehende, è, além de deshumana, humilhante. Faz o homem escravo de um fantasma, de um ente imaginario, a que as eras passadas attribuiram paixões e instinctos que só se encontram no homem selvagem. Embora a idêa do «Divino» se confunda em alguns cerebros metaphysicos com a idêa do «Bem», ainda assim é ridiculo que se faça depender do que não existe o que o homem tem de mais real e mais bello—a acção consciente, o sentimento do «Eu» que age no Universo, reflectindo em si toda a grandeza cosmica, desde o atomo imperceptivel ás massas sideraes onde se agitam a vida e o pensamento corroando a pujança maravilhosa da «Força» em suas transformações infinitas

Liberta-se o homem desta moral de escravos e ignorantes, mas deixa-se em suas malhas intrincadas e rigidias a mulher, porque esta è fraca, e precisa de um ponto de apoio fóra da natureza humana!

O homem pôde ter o sentimento do dever em toda a sua elevação, sem que se lhe dê o mais rudimentar conceito theologico. Pôde buscar a sua conducta nos principios scientificos, ter o que se diz uma «moral positiva». A mulher, porém, não suporta em seu espirito semelhante orientação. O seu cerebro não possui a mesma organização, e só o que é elementar e intuitivo é compativel com a sua «fragilidade mental».

Procurar inocular no espirito da mulher leis de physico-chimica, principios de me canica, equações, theoremas, calculos infinitesimales, conhecimentos de biologia, de psychologia, de sociologia, etc., é a mais inutil das tentativas. Porque as

camadas superiores do cerebro feminino, em extremo delicadas, têm a faculdade de representação mui fraca, de sorte que tudo, que ali se procura gravar, perde logo a sua estabilidade, evapora-se. Ensine-se-lhe, porém, o superficial, o que é fantasista e banal, que logo se verá como o poder de assimilação se distingue e se revela prodigioso. Um catecismo ou qualquer livro devoto, recheado de lendas, é o que está de accordo com o seu cerebro rudimentar, com as suas faculdades intellectivas...

Assim julgando a maioria dos homens, o resultado tem sido estabelecer-se entre os dois sexos um antagonismo de crenças e de idéas, que se resolve, quasi sempre, em luctas intestinas, perturbando a paz e a felicidade do lar, luctas ás vezes de consequencias tragicas.

Afaste-se a mulher do altar, liberte-se-lhe a consciencia do fanatismo religioso, ensinando-se-lhe uma moral esteada no «sentimento da natureza», que ninguém ousará mais affirmar que a religiosidade seja nella um phenomemo innato, fazendo parte integrante de sua vida affectiva.

A atmosphéra de submissão em que a mulher tem sido educada desde o berço das civilizações, deu-lhe como um character psychologico adquirido essa tendencia á religiosidade e ao mysticismo. Mas é um character que não é inherente á sua natureza sinão em condições dadas, em circumstancias favoraveis, e que tende a desapparecer quando forem outros as condições e os factores de sua evolução mental.

A preferencia que se nota na mulher pelos seres fortes-consequencia do «modus vivendi» que tem levado desde as idades mais remotas, além de accentuar-se nas relações sexuaes, torna-se caracteristica em relação a todo genero de autoridade temporal ou espiritual. O sentimento do sobrenatural, por se estribar na idéa de uma força superior, toma então um aspecto preponderante na psychologia da mulher. «Verifica-se de mil maneiras, diz H. Spencer, que a emoção de respeito despertada pela contemplação de tudo que faz nascer a idéa de uma força ou de uma capacidade transcendente e constituindo o sentimento religioso, é mais forte na mulher que no homem». (Introduction á la science sociale, pag. 408).

Verifica-se, de facto, este phenomemo entre os povos e as raças de diversas épocas, mas principalmente no estado de civilização avançada, pois entre os povos selvagens o sentimento religioso empolga indistinctamente ambos os sexos.

Convem pôr em evidencia que o mysticismo religioso é mais commum nos homens que nas mulheres, tanto assim que nas historias das religiões os reformadoes de cultos e creadores de seitas, como os grandes ascetas, pertencem ao «sexo forte».

A explicação desta inferioridade intellectual da mulher, que a impele a acceitar sem exame, irracionalmente, as mais absurdas superstições, não é obra exclusiva da natureza, como pensa H. Spencer, no livro que acima citámos.

A educação defeituosa, a má adaptação á vida civilizada é que tem determinado esse estacionamento intellectual do sexo feminino. Si fosse a natureza unicamente, não teríamos mulheres como Hypathia, na antiguidade, e nos tempos modernos, Clemence Royer, para falar sómente dos dois pontos culminantes da superioridade mental da mulher no passado e no presente, e muitas outras que, nas sciencias e nas artes, se collocam acima da intellectualidade média dos homens.

E' preciso acabar, de uma vez, com este prejuizo, que a «mulher deve ser religiosa», qualquer que seja o gráu de progresso da humanidade. E' preciso destruir semelhante incoherencia, que obscurece o brilho de espiritos, aliás cultivados, mas que se apegam, por um sentimentalismo falso, a certas crenças infantis.

Eduque-se a mulher na sciencia, dê-se-lhe uma concepção philosophica do mundo, destituida de theologismo e de principios metaphysicos, uma concepção baseada no conhecimento verdadeiro da natureza; desenvolva-se a sua personalidade em uma atmosphéra sádiade ensinamentos scientificos, que em breve os dogmas religiosos serão para ella tão pueris como as crenças que os inspiraram.

A libertação da mulher do theologismo não será fatal á «bõa ordem» da civilização, como pretendem os idealistas sentimentaes. O amor, em que se concentra a vida da mulher, no que ella tem de mais nobre e mais puro, só poderá tornar-se mais forte, á medida que a alma feminina experimentar sensações que só desperta uma visão profunda das coisas, o conhecimento integral de todas as modalidades do Kosmos.

«Certamente, diz Novicow, si se concebe o culto do infinito como devendo excluir a sensação do infinito, isto é, do universo e da humanidade, então a religião e o amor sexual são antagonistas. Mas, o espirito, absorvido pelo infinito e não impregnado da impressão profunda do universo, limita-se, quasi, á negação e ao nihilismo. Si se quizer ser verdadeiramente religioso, é preciso «sentir» o universo, na multiplicidade ilimitada das suas manifestações.

Ora, a partir do momento em que se «sente», cae-se no dominio do amor. Sentir o universo, é amar o universo, é amar a «vida». Neste caso diga-se o que se disser, o amor da mulher não pôde ser excluido do amor universal, porque o amor da mulher é o mais nobre que existe neste mundo.» (*A emancipação da mulher» pags. 211 e 212).


Firmando-se a sua individualidade moral no conhecimento da natureza, a mulher, será, então, a verdadeira educadora da familia, iniciando a criança no respeito da verdade e da justiça, formando intelligencias ao calor de doutrinas fornecidas pela experiencia e observação dos phenomenos. Ella desprezará, como nociva, essa religião de muitos que lhe eternizam a imaginação enferma e concorrem para perverter e desviar o espirito da juventude, suffocando-lhe os primeiros arrebatamentos que acordam as sensações de uma robusta e

exuberante actividade vital. Será por sua vez objecto de culto, porque, aliando aos seus encantos esthéticos e moraes uma cultura intellectual superior, se tornará um ser completo, colaborando com o homem na historia da humandiade, deixando em cada pagina a grandeza e o heroismo do seu amor, realçando a sua tenacidade nas duras vicissitudes da vida, sem que lhe turve a fronte a dôr mais funda, nem lhe maculem a alma delicada as exigencias imprevistas e expontaneas do coração!...

A mulher é uma religião, diz Michelet; não o é por ora; sê-lo-á, porem, quando attingir o maximo da elevação mental, sendo, como o homem, uma representação verdadeiramente philosophica do Universo.

Recife.

Joaquim Pimenta.



NOTAS E INFORMAÇÕES

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«LIGA ANTI-CLERICAL DE PERNAMBUCO

A' TRIBUNA RELIGIOSA E AO PUBLICO EM GERAL

As theorias modernas levando de vencida as superstições romanas

Vianna de Carvalho e Manoel Arão tomam a
hombros a obra regeneradora das consciencias.
O primeiro leva o clero ao canto da parede e
o segundo o reduz ao silencio.

Viu o publico pernambucano como, em consequencia das magnificas conferencias levadas a cabo, nos salões da CONCILIAÇÃO, pelo sr. capitão Dr. Vianna de Carvalho, a clericalha perfida, a sotainada manhosa, sahindo das calenturas macias das «comadres» nestas manhans friorentas, tomou a serio o desafio que, de ha muito, lhe vinha sendo atirado e sahiu a campo—primeiro pelas columnas ultramontanas da TRIBUNA RELIGIOSA e, depois, pela imparcial generosidade de uma das folhas diarias da capital. E todo o mundo pasmou que «o solemne bonzo do palacio archi-episcopal», que sempre aconselhara reserva e discreto silencio ao seu reverendo pessoal tonsurado, consen-

tisse, afinal, que o pretencioso conego Pereira Alves, com tinturas de sabichão e literatura de sacristias, tomasse a peito a defesa da fé catholica,—essa mesina que, em cerca de 18 seculos de ignorancia e vilezas, tem sido a autora do mais profundo estado regressivo na educação do povo.

Mas o solerte plano do jesuitismo impenitente da archidiocese de Olinda foi, logo, posto na rua e comprehendido pelo povo: o que imaginaram foi que, sendo passageira a estadia do Dr. Vianna de Carvalho nesta cidade, com a sua retirada, todas as linhas de fogo cessassem o tiroteio, e a vanguarda da treva ficasse sosinha no campo da lucta a ejar as suas mentiras historicas e os seus sophismas classicos sobre o povo—e assim parecesse victoriosa. E tanto é isto verdade, que apenas tiveram noticia da partida do dr. Vianna, os astutos obscurantistas apertaram o cerco por todas as folhas, e, ainda pelas costas, com a façanhuda covardia jesuitica que é bem um característico, atacaram o nobre e denodado campeão das idéas libertarias—atacaram a quem não podia defender-se de prompto, das protervias dos engroladores de latim e vive-dores de tripa forra á custa do suor do povo e da ingenuidade dos papalvos cuja ignorancia o clero ignobilmente explora.

Mas, logo lhes sahe o tiro pela culatra. Apenas Vianna de Carvalho, por força das circumstancias, deixa o campo livre, surge-lhes pela prôa o sr. Manoel Arão que, com uma logica irrespondivel, em reptos tremendos e fulminantes de verdade, toma a seus hombros a missão de pôr em debandada essa junta do coice das idéas, esses manhosos vivedores que, na engorda das missas, passam á tripa fôrra, enquanto os outros precisam de profissões, promettendo bemaventuranças de que não dispõem, pois que a porta do paraizo não se abre aos velhacos que aqui na terra passaram a vida a enganar o proximo, pensando tambem poder enganar a Deus.

No entanto, quando se esperava que os exegetas da TRIBUNA viessem a campo continuar a defesa da «fé»—a fé nas suas confissões, nas suas imagens, nos seus manipansos, nas suas bugigangas e no seu negocio das coisas divinas—eil-os que debandam miseravelmente, á procura da tóca em que sempre viveram, comendo e bebendo regaladamente: eil-os que voltam para as banhas das comadres—porque não são de ferro—para as confidencias e seducções dos confessionarios, para as missas de defuntos, para o rapé e o breviario, deixando a pobre santa madre igreja indefesa deante dos raios fulminadores que a logica tremenda do sr. Manoel Arão vibra sobre esses morcegos sociaes, sobre seus dogmas, seus sacramentos e suas trapalhadas, tão amplamente desacreditadas.

Si vivessemos nos SAUDOSOS tempos da inquisição, o va-

lente porta-bandeira das idéas espiritas já não fallaria. Elle estaria num daquelles lobregos socavões que a «fé catholica» cavou, como esfaimada hyena, para converter os incredulos. Estaria na CAMARA DOS TORMENTOS: amarrado a um cepo, traariam o funil, viria o balde ignominioso e a agua nauseabundados, passariam o cabo pela roldana, seria içado e rapido delgeriam os ossos? Não importa! Ou seria amarrado a uma columna para que morresse á fome tendo deante um açafate de pão e uma bilha com agua. Ou seria entaipado vivo na parede coberto á pedra e cal; ou teria os pés besuntados a que se chegaria o lume; ou seria amarrado a um poste fazendo-se cahir sobre os cabellos hirtos de desespero a infernal gotta de agua que produzia a loucura... Era assim que se fazia na inquisição—A SANTA; seria assim o que se faria hoje, si o clero ainda pudesse exercer os seus instinctos e as democracias victoriosas não lhe houvessem arrancado das mãos os instrumentos de tortura e de crime com: que levou á morte milhares de creaturas humanas!

Foi assim com João Huss, atado á fogueira:—«retrate-se». Foi assim com os templarios, a quem as chammas consumiram! Foi assim com Joanna d'Arc que os hypocritas hoje adoram! Foi assim, por seculos infinitos de dor, em que os paes denunciavam os filhos, os irmãos aos irmãos, dissolvida a familia e por toda a parte o luto, a maldicção, a dissolução de todas as forças sobre que apenas pairava victoriosa a asa negra do clero,—mil vezes assassino e maldicto, por todas as gerações, enquanto houver no mundo memoria dos seus feitos hediondos!

E esses martyrios o foram pelo crime de dizer a verdade, de prezar a luz, de restabelecer a noção da divindade, de acenar aos homens uma era de paz e de amor!

Outr'ora, na velha Jerusalem, em uma feira, ao adro do templo, o Christo azorragou, com a sua palavra vibrante, os miseros vendilhões. Elles hoje fazem crer que o azorrague do Christo seria mesmo das cordas de que elles depois fizeram as roldanas inquisitoriaes!

Se assim não fôra naquelle tempo, hoje bem o deveria ser! Mas o azorrague do liberal é a penna, e essa penna gloriosa e fecunda, portadora das idéas libertarias, ha-de enxotar esses vendilhões, os novos phariseus que, na phrase evangelica, devoram, «a pretexto de longas orações», os haveres das viuvras, dos orphãos e do povo!